UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Instituto de Biociências

Cultura como caminho para uma educação ambiental não formal: Folia de Reis Mirim na comunidade da Formiga (RJ)

Luiza de Andrade Lima Sjostedt

Rio de Janeiro – RJ
2017

Luiza de Andrade Lima Sjostedt

CULTURA COMO CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL: FOLIA DE REIS MIRIM NO COMUNIDADE DA FORMIGA (RJ)

Monografia do Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como parte dos requisitos à obtenção do título de Bacharel em Ciências Ambientais

Orientador: Daniel Fonseca de Andrade

Rio de Janeiro

Sjostedt, Luiza

CULTURA COMO CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL: FOLIA DE REIS MIRIM NO COMUNIDADE DA FORMIGA (RJ) – Rio de Janeiro 2017 63f.

Monografia do Trabalho de Conclusão de Curso

Orientador: Daniel Fonseca de Andrade

1. educação ambiental comunitária 2.agente ambiental 3. princípios

I. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

II. Bacharel em Ciências Ambientais

Luiza de Andrade Lima Sjostedt

Monografia do Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como parte dos requisitos à obtenção do título de Bacharel em Ciências Ambientais

Aprovada em

Dr. Daniel Fonseca de Andrade
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Me. Júlio Vitor Costa da Silva
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Me. Daniel Renaud Camargo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Versão corrigida

Resumo

O presente trabalho faz uma passagem pelos grandes eventos ambientais pelo mundo até chegar ao Brasil, com o foco na educação ambiental e a institucionalização desta no país. Com isso, a Lei n° 9.795, que dispõe sobre a Política Nacional da Educação Ambiental, prevê a incorporação da EA nos ambientes formais e não formais de educação. O Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental da UNIRIO desenvolve um projeto de educação não formal na comunidade da Formiga, desde 2016, denominado "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário". Com o tempo, o projeto se aproximou naturalmente do agente ambiental local, que é também morador da comunidade e o mestre e fundador da Folia de Reis Mirim. A Folia de Reis é um movimento cultural de grande influência no morro e a junção do agente ambiental com esse movimento nos fez chegar a seguinte pergunta, objetivo central deste trabalho: será que a Folia de Reis Mirim da comunidade da Formiga, que é uma manifestação cultural, pode ser também ambientalmente educadora? As técnicas de investigação utilizadas foram: observação participante e entrevistas não estruturadas. Posteriormente foi feita a análise de conteúdo de documentos, do diário de campo e dos relatórios do projeto "Articula-Ação" dos anos de 2016 e 2017. Os resultados foram distribuídos em três subseções. A primeira contém os resultados da entrevista com o mestre da Folia de Reis Mirim. Na segunda, foram analisados os relatórios do projeto dos anos de 2016 e 2017, além das demais entrevistas. E na terceira foi feita uma costura entre as práticas observadas na Folia de Reis Mirim com os 16 princípios da educação ambiental do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. A partir dessas análises alguns pontos foram ressaltados, como a sensação de pertencimento dos integrantes, que faz com que cada indivíduo se torne responsável e, então, cuide do local onde vive. No confronto dos princípios da educação ambiental com a Folia de Reis Mirim, fica claro que existem muitos pontos em que elas conversam, mas muitas vezes esse diálogo é velado, tanto para o grupo e até mesmo para o mestre. Assim, se torna responsabilidade do projeto "Articula-Ação" buscar possibilidades para aproximar do agente os princípios da educação ambiental, colaborando para que reconheça o que já está fazendo e os distanciamentos e contradições que ainda persistem.

Palavras-chave: educação ambiental comunitária, agente ambiental, Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global.

Abstract

The present essay approaches some of the most important environmental events around the world prior to arriving in Brazil, and focuses on environmental education and its institutionalization in the country. The incorporation of the environmental education in formal and no formal education systems is foreseen by the Law nº. 9.795, on the National Policy of Environmental Education. The Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental has developed a non-formal education project at the "Comunidade da Formiga" since 2016, known as the "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário". With time, this project was naturally approached to the local environmental agent, who is also a local inhabitant and the master and founder of the Folia de Reis Mirim. The "Folia de Reis" is a cultural movement of great influence at the community, and the union between the environmental agent and this movement enabled the following question: can the "Folia de Reis Mirim", which is a cultural manifestation, also be environmentally educational? The methodological techniques used to answer this question were participant observation and unstructured interviews. Then, content analysis was carried out with documents, field notes and field reports of the "Articula-Ação" project, covering 2016 and 2017. The results are organized into three subsections: the results of the interviews with the master of Folia de Reis Mirim are in subsection one. The second brings the results of the 2016 and 2017 report analysis and of other interviews. And the third interweaves the practices of Folia de Reis Mirim and the sixteen principles of environmental education for Sustainable Societies and Global Responsibility. As a result of such analyzes some points were highlighted, as the feeling of belonging of participants, which generates responsibility and care towards the place. In the confrontation of the principles with the practices of Folia de Reis Mirim, it was clear that there are several aspects in which they converge, but that often such dialogue is veiled, as much for the group as for the master himself. In this context, it is responsibility of the project "Articula-Ação" to search for opportunities to approach the agent to environmental education principles, thus collaborating with his recognition of what they already do and also of the contradictions and distances that still prevail.

Key-Words: Community environmental education, environmental agent, Treaty on Environmental Education for Sustainable Societies and Global Responsibility.

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe Celina da Fonte de Andrade Lima e meu pai Ricardo de Barros Sjostedt, que me dão amor e me guiam durante todos os desafios da minha vida.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Daniel Fonseca de Andrade pela dedicação, tempo, aprendizados e orientação excelente em todo o processo de construção desse trabalho.

Agradeço a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, PROExC, pela bolsa e outros apoios, sem os quais este projeto de pesquisa não aconteceria.

Agradeço ao agente ambiental da comunidade da Formiga, Cláudio José, que foi uma inspiração, parceiro e grande responsável para a realização desse trabalho.

Agradeço a agente de saúde Nanci Rosa, que foi e ainda é uma parceira do projeto, pelo incentivo e apoio em nossas ações.

Agradeço ao Laboratório de Ecologia Florestal (LEF), e o Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental (LAPEAr) e todos os envolvidos, pelas oportunidade e experiências proporcionadas.

Agradeço aos meus amigos novos e antigos em especial a Tainá Figueroa, Tainá Fernandes, Flávia Fernandes e Maria Clara Fernandes que me apoiaram em momentos difíceis durante toda a execução desse trabalho e me ajudaram e deram força para continuar.

E por fim, a meu companheiro Angelo Gagliardi que acompanhou da criação até o término deste trabalho.

Lista de abreviaturas

EA – Educação ambiental

FRM – Folia de Reis Mirim

LAPEAr – Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental

LEF – Laboratório de Ecologia Florestal

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Índice de imagem

Imagem 1: Imagem da comunidade da Formiga vista de frente.....22
Imagem 2: Precisão da Folia de Reis Abrilhante estrela do Oriente na comunidade da Formiga.....27
Imagem 3: Palhaços dançando ao som da Folia de Reis.....29
Imagem 4: Instrumento Tarol.....36
Imagem 5: Jovens da Folia de Reis Mirim em ensaio em frente a sede da Folia de Reis da comunidade da Formiga.....40
Imagem 6: Apresentação final da Folia de Reis Mirim na comunidade na Formiga..42

Sobre mim...

Nascida na cidade do Rio de Janeiro, filha de pai músico e mãe produtora cultural, tive o privilégio de uma infância cercada de natureza, sempre com o pé na terra e comendo fruta do meu próprio quintal. Isso foi possível por morar no Cosme Velho, bairro pacato, onde ainda existem muitas casas, o que infelizmente não é tão comum para essa grande metrópole. Nunca morei em outro lugar, até agora são vinte e cinco anos aqui, no mesmo terreno.

A aproximação com a natureza desde a infância, e claro, o contato direto com animais, despertaram meu interesse pelo meio ambiente. Então, quando foi chegada a hora de decidir o que queria seguir profissionalmente, eu tinha duas certezas: primeiro, um curso voltado ao meio ambiente; e segundo, algum trabalho para tornar o mundo um lugar melhor.

Depois de alguns vestibulares prestados, conheci o curso de Ciências Ambientais, que pra mim era novidade. Quanto mais eu procurava saber sobre ele, mais eu percebia que a novidade não era só pra mim, era um curso novo, com uma proposta nova, multidisciplinar. Na minha cabeça, iria me abrir um mundo de possibilidades. E foi exatamente isso que me aconteceu.

Ao iniciar o curso de bacharelado em Ciências Ambientais na UNIRIO, tive uma surpresa: as disciplinas que mais me identificava não eram as aquelas esperadas. Fui me surpreendendo comigo mesma, como poderia gostar de certas matérias. Foi então que percebi não eram as matérias em si, mas os educadores que as faziam serem inesquecíveis. Fiquei por um tempo perdida, mas nesse momento me dedicando inteiramente as disciplinas que cursava. Conheci na minha trajetória pessoas incríveis, amigos e professores, que fizeram toda a diferença na minha formação.

Depois de alguns períodos, entrei no projeto de extensão RECOSOL, que trabalha sustentabilidade dentro da UNIRIO. Lá fiquei por um ano, mas ainda não havia me encontrado. Foi então, conversando com alguns amigos, que tive uma ideia: "quem sabe a área da educação, uma educação ambiental?", e eu nem sabia o que era realmente educação ambiental. Foi em 2016 que fiz entrevista para dois projetos de extensão ligados a área da educação, e fui selecionada para os dois. E agora? Não conhecia o Prof. Daniel Fonseca, ele era novo na UNIRIO, mas já tinha ouvido falar do seu trabalho e optei por fazer a extensão com ele, no projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário". Esse trabalha no morro da Formiga

uma educação ambiental que vai além da escola. Nesse ano ainda éramos conhecidos como o grupo socioambiental do LEF – Laboratório de Ecologia Florestal.

Foi quando me deparei com um repertório teórico que ainda não havia cruzado no meu caminho acadêmico, mesmo já estando no sexto período. Conheci então Paulo Freire, Boaventura de Souza Santos, Carlos Rodrigues Brandão entre muitos outros. Dai fui começando a entender o que era educação ambiental e conhecendo suas inúmeras vertentes.

Tudo isso era muito novo, e estava me sentindo empoderada com todo esse novo conhecimento. Mas, o mais legal mesmo era estar na comunidade da Formiga, em contato com pessoas incríveis que dificilmente conheceria por acaso. O grupo já estava na comunidade desde 2013, eu era novata. Conheci grandes lideranças comunitárias, pessoas com grandes histórias de vida e batalhas em prol ao meio ambiente como a Dona Nilza, a Nanci Rosa e o Seu Djair... Mas a pessoa que tive uma maior aproximação foi o agente ambiental local, Cláudio José. É uma liderança mais nova do que as citadas acima, mas acho que por conta do projeto, ficamos mais próximos.

Nos aproximamos a ponto de conhecer o grupo de Folia de Reis Mirim, do qual o Claudio era mestre. Ele tinha um brilho nos olhos quando estava com o grupo, e isso foi me encantando a ponto de querer trabalhar com eles. De alguma forma eu queria fazer parte daquilo, daquela batucada, a música me chama, talvez esteja no sangue, quem sabe? Ali vi oportunidade de misturar tudo o que eu gosto, a educação ambiental, a música e o trabalho social. Daí para frente o trabalho seguiu, e continua segundo, e vou trilhando o meu caminho.

Sumário

1. Introdução 13
1.1. Breve histórico da educação ambiental no mundo 13
1.2. Educação ambiental no Brasil 17
2. Contextualização: o LAPEAr e a comunidade da Formiga 22
2.1 Encontro do LAPEAr com o agente ambiental e seu grupo de Folia de Reis Mirim 24
2.2. Folia de Reis – visão geral 26
3. Objetivos 31
4. Metodologia 32
5. Resultados e discussões 34
5.1. Resultado da entrevista com o mestre da FRM 35
5.2. Atividades "Articula-Ação" 43
5.3. Relação entre a FRM e os princípios da educação ambiental do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global 49
6. Conclusão 53
8. Referências bibliográficas 56
7. ANEXO 62
ANEXO A - Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global 62

1. Introdução

1.1. Breve histórico da educação ambiental no mundo

Os efeitos da Revolução Industrial no século XVIII somente começaram a se fazer sentidos globalmente na segunda metade do século XX (CZAPSKY, 1998; STEFFEN, BROADGATE, DEUTSCH, GAFFNEY, LUDWIG, 2015). Nesse período, por exemplo, Londres foi tomada por uma poluição atmosférica de origem industrial (CZAPSKY, 1998), e efeitos semelhantes começaram a aparecer em outros lugares. Foi nessa época que os países industrializados ampliaram a sua capacidade de alterar o ambiente natural, mudando significativamente a qualidade de vida (DIAS, 1998). Não foi apenas Londres, mas outras grandes cidades pelo mundo também sofreram com o alto nível de poluição, como Nova Iorque, Los Angeles, Berlim e Tóquio (CZAPSKY, 1998). As questões ambientais já haviam sido levantadas em alguns trabalhos no passado, como em 1863, pelo biólogo britânico Thomas Huxley em seu livro "Evidências sobre o lugar do homem da natureza", mas o assunto somente se globalizou a partir da segunda metade do século XX.

Segundo o artigo "The trajectory of the Anthropocene: The Great Acceleration", foi a partir de 1950 que a aceleração nos indicadores do Sistema Terra ficou mais visível, ou seja, nesse momento histórico índices como: população, consumo de fertilizante, telecomunicação, carbono, nitrogênio, acidez dos oceanos e perda de floresta tropical, entre muito outros, começam a aumentar exponencialmente, e ao mesmo tempo (STEFFEN, BROADGATE, DEUTSCH, GAFFNEY, LUDWIG, 2015). E é nesse período que autores como Aldo Leopoldo em 1949, Rachel Carson em 1962, Albert Schweitzer em 1954, dedicaram seus estudos ao meio ambiente (DIAS, 1998).

Nesse contexto, a partir da segunda metade do século XX, a questão ambiental começou a ser colocada em pauta no mundo, projetando um movimento ambiental em escala global (CZAPSKY, 1998), e dentro dele, a necessidade de discutir as relações sociedade-natureza e educar pessoas ambientalmente (STERLING, 1992).

Do ponto de vista do movimento ambientalista, em resposta às catástrofes ambientais descritas acima, especialistas de varias áreas foram reunidos em 1968 para discutir sobre a questão ambiental, o que levou a origem do Clube de Roma (DIAS, 1998). Esse fez uma simulação do que era esperado para o futuro em relação à

economia, chamando a atenção para os riscos e crise do capitalismo, devido a escassez de insumos materiais e energéticos (TASSARA, ARDANS, 2005). O meio ambiente começava a entrar em pauta, e o mundo a pensar nos efeitos da poluição sobre o espaço e o ser humano (CZAPSKI, 1998).

Em 1972, o Clube de Roma lançou seu relatório intitulado "Limites do Crescimento", que constatou que o crescimento do consumo mundial levaria o planeta a um colapso (DIAS, 1998). Nesse mesmo ano, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, capital da Suécia. Estiveram presentes 113 delegações provenientes do mundo todo (CZAPSKI, 1998). O encontro foi marcado pelo surgimento de políticas de gerenciamento ambiental, e por trazer as questões sobre o meio ambiente ao público geral (DIAS, 1998). Nele, foi gerada a "Declaração Sobre o Ambiente Humano", o "Plano de Ação Mundial" e foi criado o "Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente" (PNUMA), organismo novo pertencente a ONU responsável somente pelas questões ambientais. Por fim, todas as delegações presentes assinaram documentos de responsabilidade se comprometendo com algumas metas traçadas no encontro, motivando o movimento ambientalista, que estava só começando (DIAS, 1998).

Em 1975 foi realizado, pela UNESCO, o Encontro de Belgrado, para atender a uma recomendação da Conferência de Estocolmo (DIAS, 1998). Nessa ocasião, o tema central foi a necessidade de uma nova ética global, que deu origem a uma carta que ficou conhecida como carta de Belgrado.

Continuando com a evolução do movimento ambientalista, em outubro de 1977 foi promovida pela UNESCO-PNUMA a Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental de Tbilisi, na antiga União Soviética (DIAS, 1998).

Apesar do crescimento do movimento ambientalista, os anos 80 foram marcados por diversos desastres de âmbito ambiental provocado por indústrias. Em 1984, um vazamento de gás venenoso em Bhopal, na Índia, matou milhares de pessoas. Em 1986, ocorreu o acidente nuclear da Usina Nuclear de Chernobyl, na ex-União Soviética, levando a morte de milhares de pessoas e afetando milhões pela radioatividade (CZAPSKI, 1998). A seqüência desses fatos fez com que uma comissão multidisciplinar fosse formada, com uma tarefa audaciosa, entregar a ONU uma avaliação da situação ambiental do planeta. Para isso, a comissão viajaria pelos continentes entrevistando pessoas, como lideres de estado, cientistas, moradores de

favelas, representantes de povos tradicionais, etc., tudo isso para adquirir informações. Esse grupo recebeu o nome de Comissão Brundtland, e foi responsável pelo relatório conhecido como "Nosso Futuro Comum" (Our Common Future) lançado em 1987, mesmo ano da reunião de Moscou, que avaliou os 10 anos de Tbilisi (CZAPSKI, 1998).

Uma série de eventos que discutiram questões ocorreram pelo mundo no final dos anos 80 e início dos anos 90, até chegar em 1992, ano que ocorreu a Eco-92. O encontro ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, um marco para o Brasil, que já vinha traçando seu caminho no âmbito ambiental. A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92) conseguiu reunir delegações de 178 países (CZAPSKI, 1998). Esse evento contou não só com debates oficiais entre as delegações, mas também com eventos paralelos que foram de extrema importância para a inclusão do público geral, como a "1 Jornada Internacional de Educação Ambiental", o Fórum Global, o "Workshop sobre Educação Ambiental", entre outros.

Todavia, o encontro tinha alguns objetivos que eram de levantar a situação ambiental mundial e as mudanças após a Conferência de Estocolmo; buscar estratégias para as principais questões ambientais a nível local e global; recomendar estratégias referentes a proteção ambiental através de políticas de desenvolvimento sustentável; aperfeiçoar a legislação ambiental internacional; estratégias de promoção de desenvolvimento sustentável e eliminar a miséria de países em desenvolvimento (DIAS, 1998).

Como se pode perceber, o movimento ambientalista começou a crescer a partir do início da década de 70, e juntamente com esse movimento foi fomentada a questão da EA no mundo. Na Conferência de Estocolmo (1972), a importância da EA foi reconhecida como fator crítico para o combate a crise ambiental em nível global (DIAS, 1998). Nela, foram tomadas medidas que deram força ao início desse movimento, como a "Declaração da ONU sobre o Ambiente Humano", que no artigo 19 cita a importância da educação ambiental (EA) para jovens e adultos; e a sugestão da criação do Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA), que foi firmado somente mais a frente (CZAPSKI, 1998).

A EA também estava presente no encontro de Belgrado (1975). Nele foram discutidos e formulados princípios para um programa de EA em escala global, atribuindo uma importância significativa às estratégias de EA (DIAS, 1998). Além disso, ela também ocupou grande parte da carta que foi produto do evento, destacando

metas, objetivos, destinatários e diretrizes básicas (CARTA DE BELGRADO, 1975). Segue um trecho extraído desse documento:

> A reforma dos processos e sistemas educativos é essencial para a elaboração desta nova ética do desenvolvimento e da ordem econômica mundial. Os governos e formuladores de políticas podem ordenar mudanças e novos enfoques para o desenvolvimento, podem começar a melhorar as condições de convívio no mundo, mas tudo isso não deixa de ser solução de curto prazo, a menos que a juventude mundial receba um novo tipo de educação. Isso vai requerer a instauração de novas e produtivas relações entre estudantes e professores, entre escolas e comunidades, e ainda entre o sistema educativo e a sociedade em geral (CARTA DE BELGRADO, 1975, p.3).

Em seguida, o evento de Tbilisi (1977) teve como foco a EA, e desse saiu um documento técnico final, com quarenta e uma recomendações, provendo definições, objetivos, princípios e as estratégias para a EA no mundo (CZAPSKI, 1998), garantindo para as gerações presentes e futuras um ambiente saudável, com base na EA (DIAS, 1998). Este ainda representa grande parte das diretrizes sobre ela, e nele consta que o homem tem o poder de modificar o meio ambiente, logo, tem responsabilidade sobre o mesmo. Ainda sobre o documento, consta que a EA é para todos, a despeito de faixa etária, classe social ou sexo e, portanto, deve ser inserida em ambientes formais e não formais de educação, que serão abordados mais frente.

Além disso, com um enfoque global, é importante entender que a EA é sustentada por uma base interdisciplinar, reconhecendo a proximidade e interdependência do meio natural com o artificial. Neste contexto, o avanço da ciência e tecnologia não só serviria para o desenvolvimento, e sim para criar uma consciência e compreensão dos problemas ambientais, propiciando uma lida melhor com a natureza. Foi orientada uma aproximação com a comunidade para a resolução de problemas reais específicos, fomentando a responsabilidade de cada um para contribuir com um ambiente melhor para todos (DIAS, 1998). Assim, como sugerem Tassara e Ardans (2005), o desvelamento do objeto leva ao desvelamento do sujeito.

Em consequência, medidas específicas foram tomadas em Tbilisi: foi feita uma chamada aos Estados para incorporação de atividades ambientais em suas políticas de educação; e foi realizado um intercâmbio de experiências, pesquisas e matérias a respeito do meio ambiente. Como podemos perceber, esse evento foi como um trampolim para a EA, já que diversos países iniciaram imediatamente as propostas oferecidas no evento, sendo determinante para o rumo da EA (DIAS, 1998).

Logo a frente, durante os anos 90, a questão ambiental e a EA tomaram proporções enormes (CZAPSKI, 1998), o que levou a alguns paradoxos, como a incorporação nesses campos de discursos e valores contraditórios e diversificados. O que estava acontecendo era a inflação do ideal ambiental, que ficou sem forma e fronteiras. Esse fato pode ser chamado de "nebulosa ambiental" (ALFANDERRY, 1992, apud CARVALHO, 1998, p. 114). Esse período ocorreu devido os diversos setores que estavam estudando, pesquisando, divulgando e criando novas teorias para a EA (CZAPSKI, 1998).

Nesse contexto a Eco-92, que corroborou com as premissas de Tbilisi, teve dois eventos paralelos que geraram documentos importantes para a história da EA no mundo. São eles: Agenda 21, roteiro para garantir a qualidade de vida no século XXI, cujo capítulo 36 fala exclusivamente da "Promoção do Ensino, da Conscientização e do Treinamento" (CZAPSKI, 1998, p.54); A Carta Brasileira para a Educação Ambiental, destacando a importância do poder público federal para garantir a EA em todos os níveis de ensino; o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, plano de ação para educadores ambientais; a Carta da Terra; e declaração de princípios da Rio-92 (CZAPSKI, 1998).

1.2. Educação ambiental no Brasil

A afirmação "de que somos um país atrasado, copiador de modelos, periférico é equivocada, anacrônica e extremamente perigosa, principalmente vinda de educadores" (REIGOTA, 1999 p.13), é feita por diversos autores brasileiros. No que diz respeito a EA, o Brasil construiu a sua própria história, inserida no cenário mundial, porém em busca da sua própria identidade. Acima pudemos ver o cenário da EA mundial, agora vamos direcionar o estudo para o que ocorria no Brasil nessa mesma época até chegar a RIO-92.

No Brasil, desde 1950, a EA era praticada por alguns professores, mesmo antes de sua definição formal. Um desses casos é o professor Carlos Nobre Rosa, que publicou o livro: "Animais em nossas praias", fruto de uma prática pedagógica na qual levou educandos para coleta de material fora da sala de aula. Outro exemplo foi em Pernambuco, pelo professor João Vasconcellos Sobrinho, que trazia para seu trabalho regional práticas que mais tarde seriam chamadas de EA. Em 1972,

Vasconcellos Sobrinho ficou famoso pela campanha em proteção ao Pau Brasil. Várias outras iniciativas como essas ocorriam em todo país. Porém, a prática estava longe de ser hegemônica (CZAPSKI, 1998).

Nos anos 70, o Brasil estava vivendo o "milagre econômico", e o período militar sustentou o crescimento econômico a qualquer custo. Logo, em 1972, no encontro de Estocolmo, a preservação ambiental não foi aceita consensualmente por aqui. Os países em desenvolvimento, como o Brasil, se sentiam injustiçados pelos grandes poluidores (CZAPSKI, 1998). Assim, apesar de ter participado do encontro e assinado a "Declaração da ONU sobre o Ambiente Humano", representantes do Brasil demonstraram uma postura contrária à preservação. E mais que isso, se diziam dispostos a receber a poluição em troca do crescimento econômico do país, sem restrições, de maneira predatória e estimulando a vinda de multinacionais em troca de dólares e emprego (DIAS, 1998).

Para a surpresa de todos, no ano seguinte (1973), foi criada a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), primeiro órgão nacional que diz respeito ao setor. A EA estava prevista nas suas atribuições, e também em uma série de leis. Membros da SEMA assumiam a EA como "um instrumento para levar os diversos atores da sociedade a um entendimento e à percepção de que o ser humano é parte do meio ambiente, sendo importante criar atitudes adequadas com a natureza" (CZAPSKI, 1998 p.37). Portanto, a SEMA levava em conta a educação formal e não-formal (CZAPSKI, 1998).

Em 1975, ocorreu o Primeiro Encontro Nacional sobre Proteção e Melhoria do Meio Ambiente, promovido pelo Governo Federal, com a participação de profissionais estrangeiros. Nesse mesmo ano, em Belgrado, o Brasil não esteve presente, sob a justificativa de que o país não mantinha relações diplomáticas com o Bloco Soviético. Isso culminou na demora ao acesso, pelos brasileiros, aos documentos desse encontro (CZAPSKI, 1998). Podemos notar que começava um movimento ambientalista por parte do país, mas ainda com controvérsias.

Tbilisi (1977), mais uma vez, não contou com a presença do Brasil. Porém, um pouco antes desse encontro, o país desenvolveu um documento sobre o assunto, com a participação de diversos profissionais de áreas distintas. Esse foi assinado pela SEMA e pelo Ministério do Interior, e nele constava objetivos e princípios para EA, seguindo a mesma linha que seria abordada em Tbilisi. O documento visava uma interação mais harmônica entre o homem e o ambiente, levando em conta que o meio

ambiente deve ser considerado como um todo na educação formal: o político, o econômico, o tecnológico, o social, o legislativo, o cultural e o estético, sem ser fragmentado nas disciplinas escolares tradicionais (CZAPSKI, 1998).

Assim entrando na década de 80, o Brasil passava por uma efervescência política e social. Foi o período que o país começava a firmar leis em que educação e meio ambiente eram colocados em mesmo âmbito, leis essas que estão entre as consideradas como mais avançadas do mundo (CZAPSKI, 1998), com destaque para a Política Nacional do Meio Ambiente (BRASIL, 1981). Nos anos seguintes, os debates em torno da EA crescem e se disseminam. (CZAPSKI, 1998).

Então, em 1987, o relatório "Nosso futuro comum" é publicado. Paulo Nogueira-Neto, único brasileiro constituinte da comissão, enfatiza sobremaneira uma das conclusões alcançadas pelo documento, a de que a miséria é uma das causas da degradação ambiental e por isso ela deve ser combatida. Essa afirmação, de certa maneira, é uma forma de desviar a atenção dos países industrializados, que se beneficiam da degradação ambiental em prol da sua economia, promovendo o consumismo (SACHS, 1995). No relatório, o caminho proposto foi o desenvolvimento sustentável, ou seja, atender as necessidades presentes sem comprometer as gerações futuras (CZAPSKI, 1998).

O Brasil estava cada vez mais próximo ao tema "meio ambiente", e ainda em 1987, o antigo Conselho Federal da Educação aprovou um parecer que enfatizou a urgência da EA, propondo uma abordagem interdisciplinar nas escolas (CZAPSKI, 1998). Finalmente, ficou firmado na Constituição Brasileira de 1988 que cabe ao poder público "promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização a preservação do meio ambiente" (BRASIL, 1988, Capítulo VI, Art. 255, parágrafo 1°, item VI). Seguindo essa tendência, novas leis sobre o meio ambiente e a EA foram promulgadas nesse período (CZAPSKI, 1998).

Ao longo dos anos de 1990, o clima ambiental no Brasil foi propício para a EA, diante dos debates e leis que viriam a surgir. Também, pelos investimentos feitos pelo Fundo Nacional de Meio Ambiente (FNMA) em diversas ações de EA promovidas por instituições públicas e entidades da sociedade civil (BRASIL, 2005). Isso constituiu um cenário perfeito para que a ONU autorizasse a realização do próximo encontro internacional de meio ambiente no país, possibilidade essa que criou um efeito retroativo, alimentando ainda mais o assunto (CZAOSKI, 1998).

Então, em 1991, foi criada uma Comissão Interministerial para a preparação do evento Rio- 92.

Esse ano pré-evento foi marcado por grandes realizações na área da EA. A comissão criada reconheceu a EA como um instrumento da política ambiental brasileira. E também nesse mesmo ano, o Brasil criou duas instâncias do poder executivo exclusivas para lidar com esse tema: o Grupo de Trabalho de Educação Ambiental do MEC, que evoluiu depois para Coordenação Geral de Educação Ambiental em 1993; e a Divisão de Educação Ambiental do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) (BRASIL, 2005). Contudo, o relatório "O Desafio do Desenvolvimento Sustentável", produzido pelo governo brasileiro para a ONU em 1991, trouxe a seguinte promessa:

> O Brasil cumpre seu dever de apresentar à comunidade internacional a evolução do desenvolvimento e da situação ambiental no País nas duas últimas décadas. O relatório nacional do Brasil para a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento representa uma avaliação crítica da nossa experiência, mostrando a realidade brasileira abertamente, sem retoques. Da experiência passada retiraremos as lições necessárias para enfrentar o desafio do desenvolvimento sustentável (BRASIL, 1991, p.12).

Então, como já foi citado acima, em 1992, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92) foi realizada na cidade do Rio de Janeiro. E então, depois desse encontro, o Brasil passou por uma institucionalização ainda maior da EA, com a criação de políticas públicas direcionadas a ela, como o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), em 1994. Esse possui três objetivos que são a capacitação de gestores e educadores, desenvolvimento de ações educativas e desenvolvimento de instrumentos e metodologias. Nos anos subseqüentes foram realizados encontros, documentos, políticas publicas, órgãos, cursos, dando um maior subsidio a EA (BRASIL, 2005).

Então, em 1999, foi criada a Diretoria do Programa Nacional de Educação Ambiental, vinculada a Secretaria Executiva do Ministério do Meio Ambiente, e nesse mesmo ano foi promulgada a Lei n° 9.795, que dispõe sobre a Política Nacional da Educação Ambiental (BRASIL, 1999), que prevê a incorporação da EA nos ambientes formais e não formais de educação.

Em 2004 foi criado o novo Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA). Esse passou a ser o principal programa para a criação de políticas públicas para EA em nível federal, estadual e municipal. Consequentemente, o cenário

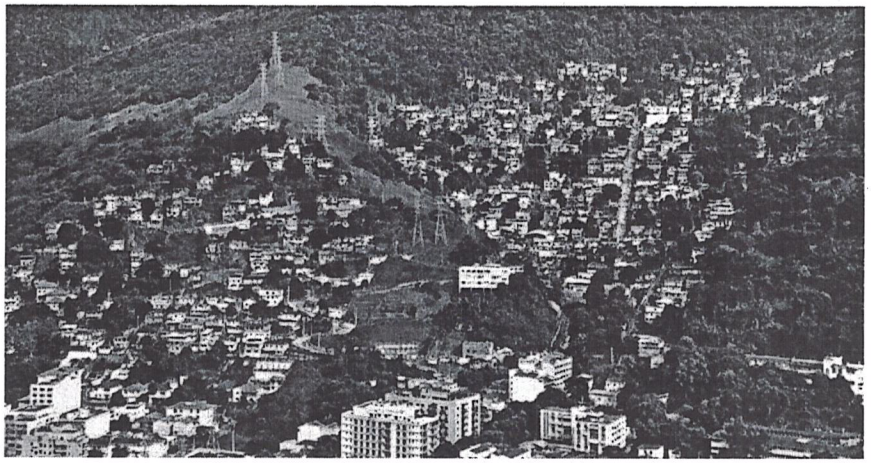
nacional de EA não parava de crescer, fortalecendo e institucionalizando ainda mais a EA no estado brasileiro, em um movimento oscilante que continua até hoje.

2. Contextualização: o LAPEAr e a comunidade da Formiga

O Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental - LAPEAr/UNIRIO que trabalha com educação ambiental comunitária, defende a educação ambiental crítica, que segundo Mauro Guimarães (2004), tem como proposta desvelar a realidade, contribuindo na questão social e assumindo a sua responsabilidade política. Logo, esse processo não cabe apenas dentro da sala de aula, levando a uma necessidade de uma educação ambiental além da formal, que é habitualmente chamada de não formal, que são os processos educativos que vão além do currículo escolar (QUINTAS, 2004). Essa vertente da educação ambiental crítica não formal dentro do grupo LAPEAr é trabalhada pelo projeto de extensão "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário", que desenvolve um trabalho na comunidade da Formiga, que será demonstrado mais a frente. É importante salientar que o LAPEAr nasceu em 2017 a partir do grupo socioambiental do LEF.

O morro da Formiga (Imagem 1) está localizado no bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro, e é uma área limítrofe ao Parque Nacional da Tijuca (Brasil, 2015). Nela se encontra o rio Cascata, que atravessa o morro e deságua no rio Maracanã. Estudos mostram que cerca de 52,2% da sua população, correspondente a 4.312 casas, são abastecidos pela bacia hidrográfica do rio Cascata (IBGE, 2010).

Imagem 1 – Imagem da comunidade da Formiga vista de frente



Fonte: Lucas Brasil, 2014.

Um fator interessante sobre a comunidade é que ela teve início com imigrantes originários da Alemanha e Portugal, em 1911 (TEIXEIRA, 2013). Porém, somente em 1940 foi dado o "boom" populacional nessa região, com migrantes provindos principalmente dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, que vinham em busca de uma melhor qualidade de vida. (SILVA, 2016).

Outro fator relevante é o forte envolvimento de lideranças comunitária, com moradores participando ativamente nas lutas cotidianas para melhorá-la. Dentre as lideranças, nota-se a grande quantidade de mulheres (SILVA, 2016). As organizações feitas pelos próprios moradores e diversos projetos passados e presentes ajudam a contar a história local. Um exemplo foi dado em 1964, quando, em plena ditadura, foi criada a Associação de Moradores do Morro da Formiga, que tinha como causa as questões sociais, discutindo problemas como o acesso a água, a educação, questões de moradia e saneamento, além do papel da mulher na sociedade (SILVA, 2016).

Atualmente, na comunidade há o desenvolvimento de diversos projetos, de organizações privadas, iniciativas da comunidade, instituições acadêmicas e de cunho governamental, e a temática sobre o meio ambiente é objeto de muitos deles (BRASIL, 2015). Um exemplo de iniciativa interna importante de resistência ambiental é a "Sociedade das Águas", na qual grupos de moradores são responsáveis pela captação e distribuição de água para a comunidade (SILVA, 2016). Dentre as iniciativas governamentais mais populares estão o programa "Guardiões dos Rios", o "Gari Comunitário", que encontram-se desativados, e o "Mutirão Reflorestamento" que ainda está em andamento.

Segundo o sítio da prefeitura do Rio de Janeiro[1], o "Guardiões dos Rios" e o "Gari Comunitário" eram responsáveis pela limpeza do morro, na qual os trabalhadores eram pessoas da própria comunidade, o primeiro focando no rio Cascata e o segundo um foco mais geral.

Em outro contexto, o projeto "Mutirão Reflorestamento", que teve início no ano de 1986, faz um trabalho de arborização local utilizando mudas para o plantio (SALGADO, 1998), através de agentes locais da comunidade. Este é responsável pelo o aumento da biodiversidade e diminuição dos casos de deslizamento de terras, que já foi um serio problema dentro do morro (MARTINS, 2015).

[1] http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=4113492

2.1 Encontro do LAPEAr com o agente ambiental e seu grupo de Folia de Reis Mirim

A partir do projeto "Mutirão Reflorestamento", o Laboratório de Ecologia Florestal LEF/UNIRIO passou a atuar no Morro da Formiga, em 2013, quando foi contratado para analisar a saúde do reflorestamento feito na região. Nesse contexto, nasceu o projeto de extensão "Reflora - Restauração Ecológica em Áreas de Reflorestamento", em parceria com a UFRJ (BRASIL, 2015). Esse foi o primeiro contato do LEF com a comunidade, que ao longo dos anos foi se ampliando cada vez mais. Com essa parceria já estabelecida, o Laboratório levou outros projetos para atender as demandas da comunidade. Foi quando o "Aprender Brincando com a Natureza: educação ambiental em escolas municipais públicas do Rio de Janeiro", criado em 2008, passou a atuar no local, trabalhando a EA com crianças dentro da escola municipal da Formiga (FIGUEIREDO, PINHEIRO, MACHADO e ZAÚ, 2014).

Devido a essa aproximação, alguns estudantes do LEF passaram a produzir trabalhos acadêmicos sobre os projetos existentes na comunidade, abordando temas, como a história ambiental no Morro da Formiga (BRASIL, 2015) a arborização na comunidade (MARTINS, 2015) e a Educação Ambiental nos projetos socioambientais (CUNHA, 2015). Além deles outros projetos foram também realizados no âmbito da UNIRIO, por exemplo, um de mestrado em Educação, abordando as Sociedades das Águas (SILVA, 2016).

Com isso o grupo socioambiental do LEF, realizou um evento para que esses trabalhos de pesquisa fossem apresentados para os moradores, e que os moradores pudessem também abordar os mesmos assuntos a partir das suas próprias vivências. Dessa forma, os moradores poderiam refletir sobre os temas a partir dos seus pontos de vista e suas atuações, além de expor suas reais demandas e compartilhar a sua experiência prática a respeito de cada assunto. Logo, o saber científico seria combinado com o saber popular, caracterizando uma "ecologia de saberes" (SANTOS, 2002), pois, aqueles que vivem na comunidade possuem saberes legítimos sobre os reais problemas que enfrentam (FREIRE, 1987). Dessa maneira, o grupo conheceria mais de perto os objetivos, problemas, prioridades e valores da comunidade em questão, tornando o seu trabalho mais direcionado.

Assim, em 2015, o fórum "Olhares Sobre a Formiga" foi realizado. Nesse dia, depois das apresentações dos pesquisadores e dos moradores, começou uma conversa

mais informal na qual os moradores destacaram a falta de saneamento e a insuficiência da coleta de lixo dentro da comunidade, levantando sempre a falta que faz alguns projetos governamentais como o "Gari Comunitário" e o "Guardiões dos Rios". Mencionaram também a questão do rio Cascata, que se encontra visivelmente poluído (SJOSTEDT, RAMOS, FERNANDES, LINO e ANDRADE, 2016).

Apesar do grande valor histórico que o rio tem para a comunidade, a oferta de serviços de saneamento básico é insuficiente, gerando insalubridade causada pela dispersão inadequada de resíduos sólidos e a coleta insuficiente de esgoto. Como resultado dessa conversa no fórum, a escola municipal local escolheu o rio como tema de planejamento pedagógico para 2016. Além disso, o interesse da comunidade com suas questões ambientais também engajou o grupo socioambiental do LEF para além dos muros da escola, fazendo nascer o projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário" e também um novo programa "Tecendo Saberes: Escola e Comunidade na Gestão Ambiental local" para "gerenciar" o "Aprender Brincando" e o novo projeto de extensão (SJOSTEDT, RAMOS, FERNANDES, LINO e ANDRADE, 2016).

O "Articula-Ação", iniciado em março de 2016, tem como objetivo articular lideranças comunitárias para uma gestão ambiental e promoção do saneamento básico no local, colocando o rio Cascata como objeto de ação. A ideia do projeto é impulsionar moradores acerca das demandas socioambientais, praticando junto com eles uma EA que consequentemente leve reflexões sobre a questão comunitária dos resíduos sólidos e a poluição hídrica (LEF, 2016a).

Foram desenvolvidas diversas atividades de EA ao longo do ano de 2016, que geraram 18 relatórios para o projeto "Articula-Ação". Em meio dessas ações, o grupo se aproximou do agente ambiental da comunidade, que terá suas funções explicadas mais a frente. Esse passou a fazer parte de muitos dos processos do projeto de extensão, e então, uma maior aproximação ocorreu de forma natural.

Além de agente ambiental, ele também é coordenador de um grupo de Folia de Reis Mirim (FRM) que atua da Formiga. Esse fato fez com que o projeto se aproximasse também desse grupo, que por sua vez demonstrou um enorme potencial para trabalhar com a EA. Ao mesmo tempo, o agente passou a demonstrar um interesse em trazer, para o grupo da Folia, preocupações que tinha a partir da sua atuação na área ambiental, aproximando assim as duas ações. Isso levantou questões importantes, que viriam a conformar este projeto de pesquisa: há relações possíveis

entre a educação ambiental e a Folia de Reis Mirim desenvolvida na comunidade? Seria essa aproximação mais uma oportunidade para a prática de uma "ecologia de saberes" (SANTOS, 2002)? Visando colaborar com essa aproximação e dar subsídio a esse movimento da comunidade. Além disso, verificar o potencial da Folia de Reis Mirim como um tema dobradiça. Segundo Freire (1987, p.66) "se a programação educativa é dialógica, isso significa o direito que também têm os educadores-educandos de participar dela, incluindo temas não sugeridos", ou seja, mesmo não sendo um tema proposto pela comunidade, eu com minha visão de pesquisadora e educadora posso propor que a FRM tem um potencial dentro da EA, e trabalhar para então surgir novos temas.

2.2. Folia de Reis – visão geral

Primeiramente, devemos contar um pouco da história da Folia de Reis e falar de suas origens. Lembrando que existem algumas divergências no que diz respeito a história dela. Para uma linha de pesquisadores, ela teve inicio com a aparição de três personagens na passagem bíblica chamada "evangelhos da infância de Jesus", que conta o nascimento de Jesus Cristo (SOUZA, 2011). Essa passagem faz o registro de magos vindos do Oriente seguindo uma estrela, para visitar o menino Jesus em seu nascimento e levar presentes a Ele. Porém, na bíblia não consta quantos eles são, esse número é estimado pela quantidade de presentes que o menino Jesus teria recebido. São eles três – o ouro, a mirra e o incenso – associados pela tradição ocidental a três reis: Gaspar, Baltazar e Belchior (SOUZA, 2011).

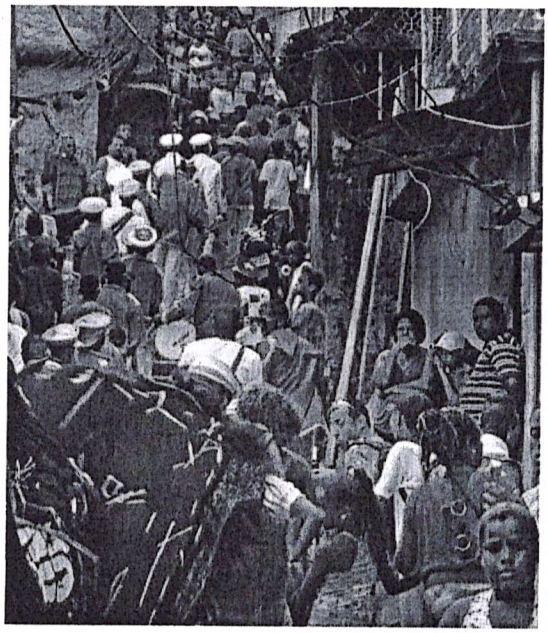
A partir dessa história teriam surgido vários cânticos populares retratando a peregrinação realizada pelos magos. Essas canções teriam sido de grande importância na Europa Medieval, e em Portugal ficou conhecida como "Folia" (PERGO, 2017).

Na famosa peça do século XVI, o "Auto Sibila Cassandra", de Gil Vicente, o termo "Folia" é usado para denominar uma dança alegre, com cantos ao som de instrumentos. Essa dança ocorre no momento em que os reis magos vão ao encontro de Jesus. Para alguns autores esse foi o início da libertação das músicas litúrgicas e do latim em peças religiosas (SOUZA, 2011), que agora estava incorporando outros estilos musicais.

Em suma, a "Folia" teria sido a passagem de textos bíblicos, sobre os Reis Magos, para músicas e dramas, logo, ela faria parte das procissões e autos em Portugal. Essa combinação da "Folia" com procissões ficou conhecida nas festividades tradicionais católicas como Folia de Reis (RIOS, 2006).

Essa festa, na prática é uma peregrinação de devotos (Imagem 2) que cantam e dançam nas ruas e visitam casas, para homenagear os santos (RIOS, 2006) e divertir os envolvidos. Além disso, o festejo carrega consigo uma promessa, normalmente feita pelo mestre, que é o organizador e peça chave para o acontecimento desta (PERGO, 2017). Os participantes andam por longos períodos a pé recolhendo donativos (RIOS, 2006), que são usados na própria elaboração da festa.

Imagem 2: Precisão da Folia de Reis Abrilhante estrela do Oriente na comunidade da Formiga.



Fonte: Claudio José – agente ambiental da comunidade da Formiga.

A Folia de Reis é caracterizada como uma festa profano-religiosa, ou seja, que buscam homenagear figuras sacras de forma alegre. Mas elas não precisam ser ministradas por um sacerdote ou por pessoas internas da igreja, como ocorre em missas, procissões, benção ou novena. Essa pode ser ministrada por leigos com a aprovação do sacerdote. Por ser uma festa para homenagear o nascimento de Jesus, ela é comemorada no ciclo natalino, normalmente no período de 24 de dezembro a 06 de janeiro, de forma a comemorar o nascimento de Jesus (PERGO, 2017).

Vale levantar que a participação de mulheres na peregrinação dos Reis fica restrita. Alguns mestres justificam esse fato por questões práticas, como não expor as mulheres a situações de ficar sem dormir e ao sereno da noite. Outros usam a justificativa histórica, que conta que os Reis Magos não haviam trazido consigo nenhuma mulher em sua jornada. Além disso, o fato delas não estarem o presépio Dele. Então, segundo alguns devotos a participação delas deturparia a dramatização (PERGO, 2017).

Para uma parcela de autores, a Folia de Reis seria um grupo de cantoria com três personagens além do mestre, são eles os cantores, os instrumentistas e os palhaços. Normalmente esses integrantes são amigos, compadres e parentes do mestre (PERGO, 2017).

A Folia de Reis possui alguns componentes característicos que serão brevemente explicados nesse trabalho. O primeiro deles são os versos cantados pelos participantes. Esses, dentro do "ritual sagrado" são de grande expressão, pois além de contar a história do encontro ao menino Jesus, idealiza as promessas dos participantes e também faz uma reflexão sobre as casas e as famílias visitadas (TEMURA, 2005). A música é repetida por diversas vezes durante a jornada, e há casos que ela vira típica daquela companhia.

O segundo componente que venho explicar é o coro, no qual fazem parte instrumentistas e cantores, usualmente composto por seis pessoas, que podem variar de acordo com a região. Cada um dos integrantes exerce uma função, sendo o mestre responsável por organizar o trajeto, os horários e os instrumentos (PERGO, 2017). No dia da festa, os foliões participam uniformizados.

O terceiro são os palhaços (ou patrício ou soldado de Erodes) (Imagem 3), normalmente são dois ou três, e animam a procissão. São eles os responsáveis pela coleta dos donativos durante a peregrinação. Para isso, dançam e fazem acrobacias utilizando máscaras e apitos para chamar atenção do público, que atiram moedas no chão em sua homenagem (PERGO, 2017), e muitas vezes assustam as crianças.

Imagem 3 – palhaços dançando ao som da Folia de Reis

Fonte: https://noticias.uol.com.br/album/album-do-dia/2016/01/10/imagens-do-dia---10-de-janeiro-de-2016.htm, acessado no dia 20 de julho de 2017.

E para finalizar temos a bandeira, que é um elemento sagrado para a companhia. Ela é carregada pelos "alferes da bandeira" ou "bandeireiros", que devem entregá-la ao dono da residência a ser visitada. Esse elemento é a representação Jesus, e por esse motivo devem ser sempre carregados à frente de todos (PORTO, 1982). A bandeira, normalmente, é feita de panos brilhantes e fitas coloridas, e quando não estão acontecendo atividades festivas ela é colocada em uma parede, sobre um altar (BRANDÃO, 2005). Logo, dentro da cerimônia ela tem um papel fundamental, sendo a retirada dela do altar o ato de abertura da Folia de Reis. Ainda existem outros elementos característicos dessa festa que dão origem a esse evento.

O dia do festejo, de modo geral, é na casa do mestre no último dia após a peregrinação e é servida uma ceia. Amigos e conhecidos também são convidados para a cerimônia, e o mestre inicia uma oração de agradecimento ou um discurso com alusão à jornada (CASTRO; COUTO, 1977).

Segundo Pergo, "as festas populares são tradições que constituem a resistência dos povos em defesas de sua cultura e de seus costumes." (PERGO, 2017, p.01). A literatura indica que a festa teria chegado ao Brasil através dos portugueses, no período da colonização, em 1534. Teria sido usada pelos jesuítas para catequizar os índios e mais tarde os escravos. Ao chegar ao país, a Folia de Reis se apropriou de diversas etnias e povos, variando regionalmente, tanto o ritmo quando ao som, mas mantendo o seu caráter religioso católico (PERGO, 2017).

A Folia, assim como outras manifestações do folclore brasileiro, conserva uma presença forte em interiores (TREMURA, 2017). E como ocorre em outras manifestações culturais os conhecimentos são muitas vezes passados de pais para filhos. Pois, o filho ao nascer já está inserido nesse contexto e observa o pai se

dedicando a jornada dos Reis. Além disso, o mestre também tem a responsabilidade de manter viva a Folia de Reis, e para isso faz a transmissão oral dos seus conhecimentos aos integrantes mais jovens (CASTRO; COUTO, 1977).

Segundo Souza (2011), essa festa traz consigo uma história sustentada pela religião católica, e ela está emersa em significados que podem possibilitar ao grupo envolvido uma identificação, criando a sensação de pertencimento.

3. Objetivos

Essa aproximação do projeto de extensão com o grupo de FRM nos levou à seguinte questão: do ponto de vista geral, existe uma conexão entre a EA e Folia de Reis?

Assim, do ponto de vista mais específico, os objetivos que orientam o presente trabalho são:

- Identificar subsídios para uma EA não formal a partir da cultura popular e, mais especificamente, da Folia de Reis Mirim da comunidade da Formiga (RJ).
- Justificar conexões entre a Folia de Reis Mirim da comunidade da Formiga e os princípios da educação ambiental do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global.

4. Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa, ou seja, dá ênfase ao processo e não somente aos resultados, de forma que as ações dos sujeitos devem ser observadas e compreendidas para que se levante o seu significado (ANDRÉ, 1995). Essa abordagem, por ter um foco no processo, torna-se mais formativa ao que diz respeito a práticas educacionais.

A presente pesquisa pretende mostrar a convergência da educação ambiental com a Folia de Reis, e foi realizada inspirada no método da pesquisa-ação, onde há uma participação na investigação social (BRANDÃO, 2005). Nessa orientação de pesquisa, os interesses científicos e sociais estão articulados para produzir conhecimentos necessários aos participantes (SANTOS, 2004).

Esta pesquisa foi escolhida por mim cuidadosamente para dar subsídio a um movimento comunitário, de um grupo de jovens cujo coordenador se aproximou gradativamente do projeto "Articula-Ação", construindo assim uma confiança mútua. Dessa forma, esta é uma pesquisa social, na qual o grupo trabalhado convive em uma dinâmica de interação social (NETO, 2002).

As técnicas de geração de dados neste trabalho foram a observação participante (NETO, 2002), entrevistas não estruturadas (MATTOS, 2005). Posteriormente foi feita a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) de documentos, do diário de campo (NETA, 2002) e dos relatórios do projeto "Articula-Ação" dos anos de 2016 e 2017.

Na observação participante o pesquisador faz o contato direto com o grupo pesquisado, para assim analisar as informações no seu próprio contexto. É importante que o observador tenha aceitação por parte do grupo a ser investigado, e vice e versa. Nesse contexto, o pesquisador, assume que pode modificar e ser modificado pelo ambiente. Vale destacar que a importância dessa técnica é dada pela captação de situações e fenômenos que não podem ser percebidos com perguntas, pois a observação direta da própria realidade chama atenção para o que há de mais evasivo de forma sutil. Cabe dizer também que no presente trabalho será utilizada a participação plena, que é o envolvimento por inteiro em todas as dimensões do grupo pesquisado (NETO, 2002).

Também foi usada a técnica de entrevistas não estruturadas, nas quais os envolvidos são livres para construir suas respostas (MATTOS, 2005), sem um roteiro de perguntas (NETO, 2002). Neste caso, foi realizada uma entrevista individual com o agente ambiental com foco na história da Folia de Reis geral e local, e quatro entrevistas coletivas; uma com o grupo da FRM; outra com a supervisora da prefeitura e o agente ambiental para pensar em ações para o grupo; e uma com o gerente do posto de saúde, o agente ambiental e o ajudante do agente na FRM.

Além disso, será feita a análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Essa é uma técnica que analisa comunicações, no qual uma ferramenta pode ter várias aplicações. Para esse trabalho os princípios da EA do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global serão triangulados com entrevistas e conteúdo sobre a FRM da Formiga. Nessa técnica existem índices que é a mansão explicita de um tema em uma mensagem, e para essa pesquisa foi extraído índices dos princípios. (BARDIN, 1977).

Os documentos analisados foram o diário de campo, que é um instrumento de anotações pessoais sobre o trabalho, no qual são incluídas as práticas detalhadas, percepções, questionamentos, angústias e informações (NETO, 2002). E também os relatórios do projeto "Articula-Ação" dos anos de 2016 e 2017, que são documentos produzidos pelos bolsistas com a mesma base do diário de campo, além da bibliográfica, para verificar se há casos de convergência no Brasil de EA com a folia de reis.

5. Resultados e discussões

Esse capítulo será organizado em três subseções. Na primeira, vou expor os resultados obtidos na entrevista com o mestre da FRM, que conta sobre a Folia de Reis dentro da comunidade, sua trajetória por ela, e por fim, a origem e dinâmica da FRM.

Na segunda parte serão analisados os relatórios do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário" dos anos de 2016 e 2017, além das demais entrevistas, feitas com o agente ambiental, sua supervisora da prefeitura do Rio de Janeiro, o gerente do posto de saúde e os integrantes da FRM, a fim de demonstrar como foi dada a aproximação com o agente e seu grupo, e iniciativas já conversadas.

E então, na terceira parte será feita uma costura entre as práticas observadas na FRM com os 16 princípios da educação ambiental do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, para assim respondermos a pergunta que esse trabalho se propôs a responder.

É importante ressaltar que o mestre da FRM é também o agente ambiental da Formiga, o que nos faz explicar o que é um agente ambiental e qual o seu papel dentro da comunidade. Segundo o site da prefeitura do Rio de Janeiro[2], o projeto do agente ambiental é vinculado a Secretaria Municipal de Meio Ambiente do Rio de Janeiro (SMAC). Por sua vez, o projeto é responsável por levar iniciativas de EA às comunidades. Todavia, é função do agente ser um articulador, e procurar parcerias como escolas, associação de moradores, instituições privadas etc., para pensar em ações de EA.

Por falta de informações no site da prefeitura, completo esses dados com outras informações trazidas pelo próprio agente ambiental e sua supervisora no projeto. Eles nos contaram em entrevista que as comunidades que são contempladas com esses agentes são aquelas que estão em área de Mata Atlântica e recebem também projetos do mutirão reflorestamento. É função do agente também fazer o planejamento das atividades, e todas as ações feitas por eles devem ser registradas em relatório.

---

[2] http://prefeitura.rio/web/guest/exibeconteudo?id=7070773

A supervisora contou que por conta da verba da prefeitura o projeto vem sofrendo uma grande redução. De 2016 para 2017 o projeto sofreu com uma perda de mais de 50% da sua equipe, contando atualmente com 24 participantes. Ela Ressaltou que, um dia, a equipe já chegou a 153 integrantes. Essa redução faz com que os agentes ambientais não tenham sedes dentro das comunidades, o que muitas vezes dificulta o trabalho.

5.1. Resultado da entrevista com o mestre da FRM

Atualmente, na Formiga, existem três Folias, a "Estrela Guia" que já é um movimento menor; a "Folia de Reis Mirim" que, por ser trabalha com crianças, não tem as mesmas obrigações que as demais, como as peregrinações; e a "Abrilhante Estrela do Oriente", que hoje já tem quase cinqüenta integrantes entre foliões, palhaços, bandeireiros e mestres.

Abaixo falaremos das tradições da "Abrilhante Estrela do Oriente", por ser a Folia que o agente ambiental participa. Em seguida, abordaremos a "Folia de Reis Mirim", da qual o agente ambiental é o mestre e é o tema dobradiça (FREIRE, 1987) do presente trabalho. Mas antes falaremos um pouco da trajetória do agente ambiental dentro da Folia de Reis.

Vale ressaltar que a Folia de origem do agente ambiental foi a "Grande Estrela do Amanhã", mas após o falecimento do seu mestre ela foi encerrada, dando início à "Abrilhante Estrela do Oriente". Esse já era um desejo do seu mestre, que foi concretizado por seus seguidores depois de seu falecimento como uma homenagem. Com isso, a companhia ganhou uma nova gestão e assumiu uma nova proporção.

Como o próprio mestre gosta de dizer, "é nascido e criado na comunidade", e iniciou sua história com a Folia quando tinha apenas dez anos. Foi em 1996, quando um parente que encerrava sua participação como palhaço o incentivou a entrar para o grupo. Logo começou sua jornada como um dos três Reis Magos, o Rei Gaspar. Isso, na antiga companhia "Grande Estrela do Amanha".

O agente ambiental ficou então sete anos consecutivos como Rei Gaspar, e após essa jornada mudou de função, ingressando como folião, os responsáveis por tocar os instrumentos. Logo percebeu que o instrumento que mais se identificava era o Tarol (Imagem 4), um instrumento similar a caixa, e se especializou nele. Com o

passar do tempo se tornou segundo Tarol, que seria na hierarquia existente dentro desse movimento um "cargo mais alto", no qual passou mais sete anos.

Imagem 4 – instrumento Tarol.

Fonte: http://www.julicosombangu.com.br/p-554054-Caixa-de-Guerra_Repique-Tarol-6cm-x-14, acessado no dia 20 de julho de 2017.

Com a morte de seu mestre e a mudança de companhia o agente, então com 24 anos, se tornou mestre de Tarol, elevando ainda mais o seu respeito dentro da companhia, e também foi reconhecido como um dos fundadores da "Abrilhante Estrela do Oriente" que nascia, por sua participação na criação.

Essa Folia, nesse momento, ganha um nível de reconhecimento ainda maior dentro da comunidade, sendo preciso mais pessoas ajudando na sua organização. E logo o agente começou a ser um facilitador, fazendo o papel de articulador e roteirista. Esse é o responsável pela determinação do percurso que será feito pela companhia e por articular com os moradores que pretendem recebê-la em suas casas. Para algumas Folias mais tradicionais, esse seria o papel do mestre, o que mostra o crescimento gradativo do agente e a responsabilidade designada a ele.

Segundo o mestre da FRM, o festejo da Folia de Reis existe a mais de cem anos dentro comunidade da Formiga. Já existiram diversas companhias e os mestres mais antigos contam as histórias das Folias passadas para os mais jovens. O fato dela já estar presente na comunidade há muitos anos mostra a força desse movimento cultural, que motiva e chama atenção dos mais novos para iniciar nessa cerimônia.

Com tantas Folias existentes em todo país, não seria possível que todas fossem iguais. Cada uma delas, por mais que sigam as tradições católicas, são influenciadas pelas culturas locais e tem um perfil com suas singularidades.

Então, vamos falar um pouco da "Abrilhante Estrela do Oriente", começando com a bandeira, que como já vimos é um elemento sagrado (PORTO, 1982) para os

integrantes. Como o próprio agente contou, a bandeira para a Folia é um ser de luz, que representa Jesus Cristo. Logo, carregar a bandeira significa carregar o bem. Por esse motivo, as promessas são feitas a bandeira. Todavia, para a saída dessa Folia não é necessário que se faça uma promessa, como ocorre em outras companhias. Mas a promessa pode ser feita em caso de necessidade.

O agente nos contou que já tiveram casos de doença, desemprego e outras condições difíceis em que a situação foi resolvida devido a promessa feita à bandeira. Sendo atendidos os pedidos, a fé de cada integrante da Folia aumenta e o respeito pela companhia também, mesmo essa não sendo a finalidade. O que se acredita é que o real objetivo da Folia é trazer paz e felicidade à casa em que é chamada, e fazem um grande esforço para isso, cumprindo sua missão não importa se faça chuva ou sol.

Além disso, são os participantes da Folia os responsáveis pelos gastos com instrumentos, roupa e todos os adereços. O dinheiro dado pelos moradores que recebem a bandeira em casa não é uma obrigação, mas um agrado à bandeira. Esse dinheiro é destinado para a festa final, mas mesmo assim nunca é o suficiente, o que faz com que todos os participantes precisem ajudar. Esse é um ponto diferente em relação aos estudos mostrados acima, que falam que o mestre deve arcar com as despesas.

O período de saída da "Abrilhante Estrela do Oriente" vai de 24 de dezembro até 20 de janeiro. Esse é outro ponto divergente de algumas outras, que tradicionalmente saem do dia 20 de dezembro ao dia 6 de janeiro, com o encerramento dos festejos da Folia. Mas como dia 20 de janeiro é dia de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, eles estendem as cerimônias, para também fazer essa homenagem ao santo em questão.

Outra peculiaridade dessa Folia diz respeito à participação de mulheres nas festividades, que é autorizada. Algumas, mais tradicionais, não aceitam, por acreditar que nenhuma mulher compareceu ou seguiu Jesus em seu nascimento. O entendimento dessa Folia é diferente, acreditam que as três Marias; Maria mãe de Jesus, Maria Madalena e Maria Lázaro são três mulheres, pecadoras que foram perdoadas por Ele, e logo, passaram a segui-Lo. Dessa maneira, as mulheres teriam aceitado Jesus e seguiam no caminho com Ele. Assim, elas teriam o mesmo direito que os homens de participarem do reisado.

Mais que isso, hoje em dia existem muitas mulheres na Folia de Reis que são reconhecidas por serem mestres renomadas dentro da comunidade. Um exemplo disso

é uma mestre da Folia, que passou seu conhecimento a diversos foliões e mesmo hoje, não morando mais na comunidade, sempre que visita combina encontros para falar do tema. Ainda, ela é responsável pela fabricação de muitos dos uniformes e fantasias utilizados até hoje. O agente lembra: "sempre que chegamos na casa do morador que vai nos receber contamos 'estão chegando os três Reis e junto as três Marias'".

A Folia em questão é cantada, diferente de algumas outras que usam versos para se expressar. Eles estudam a bíblia e utilizam alguns versos da passagem do nascimento de Jesus para transformar em músicas. Ao chegar à casa do morador, é acendida uma vela para o seu anjo da guarda, ou se for no período de São Sebastião, então a vela é para ele. Com o canto a mesma coisa, até o dia 06 de dezembro, cantam para o menino Jesus, depois desse dia, cantam para São Sebastião.

Outra tradição modificada é que no passado a Folia chegava de surpresa na casa das pessoas, sem uma combinação prévia. Mas isso vem mudando, sendo preciso que a visita dela seja marcada com os moradores antecipadamente. Essa nova conduta não agrada os mestres mais antigos, que acham que a tradição deve ser mantida. O agente acredita, no entanto, que funciona melhor quando é combinado. Dessa forma consegue visitar, além das casas na própria comunidade, todos os lugares planejados com mais facilidade, na Vila Kennedy, Bangu, Niterói, Andaraí, Caxias, entre outros.

O agente explica que na Formiga, e em outras comunidades, é comum haver três pessoas para a interpretação de cada um dos Reis Magos, que caminham pela celebração da Folia logo atrás da bandeira. Essa seria a encenação do caminho trilhado pelos Reis Magos, desde o surgimento da estrela, quando foi anunciado o nascimento do salvador, até o encontro Dele.

Junto aos Reis Magos estão os palhaços, que não podem ultrapassar a frente da bandeira, pois são a representação dos soldados de Herodes[3] disfarçados em máscaras e farrapos. A bandeira é a representação de Jesus como ser de luz, e os soldados nunca conseguem alcançar o ser de luz em sua perseguição. Por esse motivo, não podem ultrapassá-la. O único caso que isso é permitido é quando o mestre concede a autorização.

Como podemos perceber, dentro dessa cerimônia existe uma hierarquia. Por exemplo, os foliões, que são os músicos, têm mais autonomia que os Reis Magos,

[3] Os palhaços representam os soldados de Herodes disfarçados em farrapos e máscaras, que perseguiam os Reis Magos, a fim de informar o Rei Herodes onde estava o menino Jesus e mata-Lo. Herodes acreditava que o menino viera para tomar o seu lugar como rei. Ao encontrarem o menino, entretanto, eles teriam se arrependido e se ajoelhado em adoração, nunca alcançado o seu objetivo.

pois, os reis têm que ficar atrás da bandeira o tempo todo, enquanto que os foliões ficam mais livres durante o percurso. Os mestres são os que têm a posição mais alta e algumas atribuições específicas. Em seguida os bandeireiros, por carregar o ser de luz, depois o mestre da bateria, que faz a regência dos foliões. Os palhaços têm mais restrições, mas existe um respeito muito grande por eles. Apriori todos querem ser palhaços, conta o agente. Mas dentro da Folia cada um precisa entender qual sua melhor atuação e aceitar a função que lhe é designada.

A Folia de Reis tem suas obrigatoriedades, mas também tem seus momentos de descontração, como é o caso da festa de encerramento, em que o ciclo da Folia termina. Nessa, ocorre uma cerimônia de purificação dos palhaços, que é como um perdão dado pelo mestre junto a bandeira. Nesse momento, as roupas deles são tiradas e não colocam mais até o próximo ano de reisado. Essa é a representação de que eles estão limpos, e os integrantes da Folia contam para eles: "ele não é uma criatura, é uma cria tua humana".

É importante salientar que esse movimento cultural é capaz de mover a comunidade, trabalhando não só as questões específicas da Folia, mas também pontos como questão da saúde, cidadania, ser humano, educação e convívio familiar. Isso pelo fato dos integrantes da Folia tornarem-se uma família, com vínculos de respeito e cuidado um pelo outro, criando um pertencimento.

Ao assistir algumas imagens da recepção feita pelos moradores da Formiga para os participantes regressados depois de mais uma peregrinação, fica clara a dimensão do alcance que essa cultura tem sobre a comunidade. A mobilização de centenas de pessoas, que cantam e dançam ao som da Folia, arrastando multidões pelas ruas. O que mostra que o ritual da tradição bem preservada.

A importância de dar continuidade à tradição também é uma questão relevante para essa Folia, sendo de extrema importância que os mais jovens iniciem nessa jornada do reisado para perpetuar os ensinamentos. Como o mestre chamou atenção, a maioria dos participantes da Folia são aqueles que a praticam desde a infância, e é difícil uma pessoa já na fase adulta iniciar os estudos para entrar nesse movimento.

Então, devido aos seus conhecimentos adquiridos em sua trajetória pela Folia de Reis se tornou um sonho passar os seus conhecimentos para os mais jovens. Foi assim que foi dado início a FRM (Imagem 5), com a ajuda de outros parceiros da Folia adulta. O agente diz que na realidade ela sempre existiu, no sentido que as crianças costumavam estar por perto na Folia de Reis dos adultos e participavam

como era possível, mas ainda não existia uma direcionada a elas. Porém, somente depois ela se oficializou, e começou a seguir o seu próprio caminho, com algumas restrições. A FRM não tem as mesmas obrigações que a Folia adulta, como, por exemplo, as peregrinações que levam dias, além das funções ainda não estarem tão bem delimitadas como ocorre na outra, "eles ainda estão se descobrindo".

Imagem 5 – Jovens da Folia de Reis Mirim em ensaio em frente a sede da Folia de Reis da comunidade da Formiga.

Fonte: Acervo LAPEAr.

Foi em 2014 que o grupo da FRM se consolidou em meio a todas as dificuldades. E como é comum nas companhias da Folia, foi criado um vínculo de respeito e irmandade entre os integrantes. Então, a partir dai o agente ambiental começou a levar os meninos envolvidos para fazer trilhas pela comunidade, e nas oportunidades que tinha conversava sobre o meio ambiente e os problemas ambientais vividos dentro da Formiga.

Uma questão complicada para a FRM, quando ela surgiu, era a verba, pois como mencionado acima, para a Folia acontecer são necessários instrumentos, que muitas vezes são caros, fantasias de fabricação específica, entre outros gastos. E para um grupo de crianças e jovens, a arrecadação dessa verba era mais difícil, pois a maioria ainda depende dos familiares para o seu sustento.

Então, era preciso usar a criatividade. Era comum o uso de latas como instrumentos, as fantasias e máscaras também eram improvisadas. Além disso, recebiam doações e faziam o uso de matérias que já tinham sido descartado por

alguém. Por exemplo, muitas vezes dois instrumentos quebrados eram desmontados e formavam um em condição para uso. Acabavam por fazer a reutilização de muitos materiais que iram para o descarte. Como o próprio agente disse: "o principio básico era correr atrás". E mesmo com as dificuldades enfrentadas o grupo nunca deixou de existir.

Então, em 2015, o mestre, que já havia feito um curso sobre a elaboração de projetos, ficou sabendo de um edital da prefeitura do Rio de Janeiro para o incentivo a ações culturais locais. Ao ler o edital percebeu que o seu projeto da FRM se enquadrava para a participação e, então, concorreu a uma verba de incentivo. Foi nesse momento que fez um grupo para a elaboração desse projeto de forma escrita. Ele conta que passaram por diversos processos, fizeram um laboratório de idéias e mandaram o documento para concorrer.

A Folia de Reis é muito popular em comunidades e cidades menores, mas não é tão disseminada como outras manifestações culturais como capoeira e samba, e para o agente esse foi o motivo que o fez ser contemplado com esse edital. Foram escritos inúmeros projetos para culturas mais disseminadas, mas de Folia só tinha um.

No ano de 2016 o grupo recebeu a verba, que ajudou a companhia a ficar mais motivada. Com ela, foi possível a compra de instrumentos para os jovens ensaiarem, além de pagar pelos uniforme, fantasias e materiais para a reforma de possíveis instrumentos quebrados. Então, todo o jovem que entrava para FRM ganhava o uniforme completo e o direito de usar os instrumentos. E ainda conseguiram fazer uma reforma da sede da Folia local, que foi usada para encontros, ensaios e armazenamento dos materiais do grupo. Podemos observar na imagem X abaixo as novas vestes e instrumentos.

Imagem 6 – Apresentação final da Folia de Reis Mirim na comunidade na Formiga.

Fonte: Acervo LAPEAr

Nesse momento, o projeto que já estava consolidado ganhou um incentivo, e pode receber mais crianças, chegando a um total de 34 jovens participando ativamente. As dificuldades não se acabaram, pois a manutenção, novos uniformes e novos instrumentos são ainda necessários.

Para participar da FRM o jovem precisa estar estudando, ter uma boa conduta dentro de casa, respeitar os mais velhos e também estar presentes nos encontros propostos, contou o agente. Isso ajuda no desenvolvimento deles, e incentiva os seus responsáveis a autorizarem a participação. Dessa forma, eles sabem que os filhos estão sendo assistidos além de afasta-los de uma possível vida no tráfico, que é muito presente na comunidade.

Jovens que não têm um bom comportamento são punidos de alguma forma, como, por exemplo, no dia que não há instrumentos para todos, ele fica de fora, ou em alguma atividade de saída para apresentação em que há um número limitado de participantes. A devolutiva dos responsáveis pelos jovens sobre o comportamento dos mesmos dentro de casa é positiva.

Mas nem tudo é resolvido com dessa forma. Dentro do grupo eles conversam bastante para chegar a conclusões juntos. No final, os adultos tomam as decisões mais organizacionais, como transporte para uma apresentação. Mas decisões em relação aos dias dos ensaios, aos instrumentos que vão tocar, às músicas que serão tocadas, são tomadas em grupo, levando em consideração sempre a importância da presença e a participação de cada um. "Isso cria um espírito de solidariedade".

5.2. Atividades "Articula-Ação"

No ano de 2016, o projeto "Articula-Ação" participou de diversos encontros na comunidade, com escola municipal local, com o posto de saúde local, associação de moradores da Formiga, uma ONG comunitária e lideranças, tudo isso para entender melhor as necessidades locais e pensar em possíveis parcerias. Naquele ano, a maior ação do projeto foi em torno da análise de coliformes totais[4] nas águas do rio Cascata, que ocorreu devido a uma demanda dos moradores e uma parceria com um laboratório da Universidade. Eles estavam preocupados com a qualidade da água que estavam consumindo em suas casas, uma vez que, muitos moradores utilizam dessa água para trabalhos domésticos.

Para melhor entendimento, fiz a análise em ordem cronológica dos relatórios do projeto "Articula-Ação". Nessa, explicito as atividades desenvolvidas pelo projeto com foco nas participações do agente ambiental da comunidade, mostrando como foi a aproximação dele e de seu grupo de FRM.

Em março de 2016, o grupo socioambiental do LEF fez uma visita guiada com o agente ambiental pelo rio Cascata, para conhecimento do local. Esse foi o primeiro contato dos integrantes do projeto "Articula-Ação" com a comunidade. Durante a visita ao rio, que também contou com as crianças da escola municipal local, o agente foi explicando os problemas presentes no rio Cascata e suas causas. Ele também salientou a importância e benefícios do rio limpo. No encontro pudemos notar o envolvimento do agente com a escola, e também chamar a atenção por sua presença no nosso primeiro contato (LEF, 2016b).

O encontro subseqüente foi a coleta piloto das águas do rio Cascata. Essa teve como objetivo o estudo prévio da qualidade dessa água, medindo a quantidade de coliformes totais encontrados. Os resultados desse trabalho foram publicado no artigo "Análise da água do rio como ferramenta para um engajamento comunitário" (SJOSTEDT, RAMOS, FERNANDES, LINO e ANDRADE, 2016). Assim, poderíamos ter um melhor entendimento da situação local e material para comparação com resultados futuros.

---

[4] Existem dois tipos de coliformes: totais e fecais. Os coliformes totais compõem os grupos de bactérias gram-negativas que podem ser aeróbicas ou anaeróbicas, não originam esporos e fermentam a lactose, produzindo ácido e gás à 35/37°C.

Essa análise foi uma parceria com o Laboratório de Microbiologia das Águas – Lábio/UNIRIO, que ficou responsável pela realização da análise e auxilio na coleta do material; o posto de saúde local, que cedeu uma agente de saúde para acompanhar na coleta; e mais uma vez o agente ambiental local, que auxiliou na escolha dos pontos e participou ativamente da coleta do material. Nessa primeira coleta foram escolhidos três pontos do rio. Ressalta-se aqui novamente que essa análise foi motivada por uma demanda local e a iniciativa tinha fins para além da captação de resultados, visando o processo formativo aos moradores (LEF, 2016c).

No mês de julho de 2016, nos encontramos novamente para uma nova coleta, que serviu para confirmarmos e compararmos os resultados encontrados na primeira, e assim obter um resultado mais preciso. O agente ambiental ajudou novamente em todo processo (LEF, 2016d).

A primeira devolutiva dos resultados encontrados da análise foi dada em uma reunião na qual fomos convidados pelo posto de saúde local. Essa era uma reunião de colegiado do posto, na qual iriam fazer delegações e conversar sobre estratégias de atendimento. Tivemos certa dificuldade para marcar esse encontro, de forma que a primeira reunião que foi marcada não ocorreu. A equipe do "Articula-Ação" esteve presente no posto no horário marcado, mas fomos informados no local que a reunião foi cancelada (LEF, 2016e).

Em uma segunda tentativa, depois de alguns dias para a remarcação, obtivemos sucesso. Nessa ocasião estavam presentes moradores, lideranças e a equipe interna do posto. Logo, essa seria uma forma de nos aproximarmos e entendermos melhor as necessidades e relações com o rio. Nesse evento o agente ambiental não pode comparecer, mas participou da parte inicial do processo e foi informado dos resultados da análise do rio (LEF, 2016f).

Em outubro, iniciamos uma parceria com a ONG SOS Mata Atlântica, para o monitoramento do rio Cascata. A SOS Mata Atlântica possui um projeto chamado "Observando Rios", que tem como objetivo fazer o monitoramento de alguns rios do país que fazem parte da hidrografia da Mata Atlântica, através de um kit. O responsável pelas atividades de monitoramente, que ocorre mensalmente, é o agente ambiental, que se voluntariou para essa prática. Além disso, com a ajuda do grupo sócio ambiental do LEF, o kit está sendo usado de forma pedagógica (LEF, 2016g), e um trabalho de conclusão de curso está sendo desenvolvido para buscar práticas mais didáticas com ele (FERNANDES, 2017). As crianças da escola municipal local estão

acompanhando o monitoramento e no período de férias escolares foram os jovens da FRM que participaram dessa prática pedagógica. Como o agente ambiental destacou em umas das entrevistas "... e nas férias escolares fiz a análise com a galera da Folia, foi bem bacana".

Em outubro nos juntamos novamente com a equipe do LaBio e a agente de saúde para uma nova coleta do rio Cascata, agora com a missão de coletar em cinco pontos; os três já analisados anteriormente, e mais dois novos pontos, solicitados pelos moradores na reunião no posto. Eles estavam preocupados com a qualidade da água que as crianças estavam consumindo em uma bica ao lado da quadra poliesportiva, e também a análise de uma das nascentes que abastecem os moradores. Conversamos com o agente ambiental e a agente de saúde e definimos esses novos pontos e como seria feita a coleta nesses locais. Porém, no dia da prática o agente ambiental não pode comparecer, mas acompanhou as informações que foram geradas (LEF, 2016h).

Em novembro, acompanhamos o agente ambiental no segundo monitoramento do rio Cascata com o kit da SOS Mata Atlântica. Também estavam presentes, participando da prática pedagógica, os alunos da escola municipal local. Nessa prática o agente ambiental estava a frente da atividade como responsável pelo kit e também por alimentar a plataforma da SOS Mata Atlântica com as informações recolhidas no rio (LEF, 2016i).

No dia 19 de novembro foi realizado o II Fórum "Olhares sobre a Formiga", que foi idealizado pelo grupo sócio ambiental do LEF e uma realização do programa "Tecendo Saberes" e a escola municipal local. Esse, entre outros objetivos, pretendeu fazer na prática uma "ecologia de saberes" (SANTOS, 2002), misturando o saber científico com o popular. Nesse evento foram apresentados alguns trabalhos acadêmicos como as análises realizadas no rio Cascata, e também trabalhos com experiências pessoais dos moradores que participam de alguma atividade ou trabalham dentro da comunidade (LEF, 2016j).

Nesse evento o agente ambiental teve uma fala, na qual contou do seu trabalho como agente e comentou de seu trabalho com os jovens da FRM. Complementou também contando do trabalho desenvolvido no rio junto com nosso projeto. Em entrevista, deu seu depoimento da melhora da percepção dos moradores: "Então, hoje o nosso trabalho no rio tá engrandecendo a comunidade, as pessoas já tão olhando o rio de outra forma. E além do rio a gente aborda outras questões, o lixo...".

E para finalizar o ano de 2016, no início de dezembro o coordenador dos projetos "Aprender Brincando com a Natureza" e "Articula-Ação" e do programa "Tecendo Saberes", Daniel Fonseca de Andrade, foi convidado pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente para fazer uma apresentação sobre a atuação de seus projetos, no Morro da Formiga, no Workshop - "Uma Reflexão Sobre Educação Ambiental, Suas Frentes de Atuação na Perspectiva Não Formal e Possíveis Parceiros". Nele estavam presentes representantes da prefeitura, os agentes ambientais das comunidades do Rio de Janeiro, incluindo o agente ambiental da comunidade da Formiga. (LEF, 2016k). Após as apresentações foi feita uma dinâmica com os presentes para trocar experiências e idéias para uma melhor gestão ambiental. O agente da Formiga, neste momento, contou do grupo de FRM, do qual era o coordenador, e falou de sua vontade de trabalhar com esses jovens EA, com a ideia de transformá-los em agentes ambientais mirins da comunidade. Justificativa para tal seria a comunidade precisar de um trabalho "de conscientização, de formiguinha mesmo, no boca a boca...", como disse em uma de suas entrevistas, ressaltando o fato de que "eu acho que a gente focou nas crianças e o que eu to percebendo que falta focar um pouco mais nos moradores ao redor do rio".

Com as análises desses relatórios e suas falas, conseguimos perceber a aproximação gradativa que o grupo teve com o agente ambiental, que fez parte da maioria das atividades realizadas na comunidade no ano de 2016. Junto a isso, podemos notar que a ideia de trazer a educação ambiental para o grupo de FRM partiu dele, começando por levar os jovens por conta própria para a análise com o kit da SOS Mata Atlântica, além das muitas atividades idealizadas para o ano de 2017.

O ano de 2017 começou com uma aproximação do nosso laboratório ao grupo de FRM. Em 12 de fevereiro, parte do grupo, agora chamado LAPEAr, foi a comunidade da Formiga prestigiar a sua apresentação e conhecer melhor o trabalho desenvolvido pelo agente ambiental com os jovens. Nesse encontro pudemos ver a dinâmica do trabalho e envolvimento do grupo e de toda comunidade em uma festa profano-religiosa. Nesse evento, conversamos um pouco com o agente e também mestre da folia que nos contou um pouco da historia e filosofia seguida pelos integrantes. (LAPEAR, 2017a).

Também falamos um pouco do potencial do grupo como agentes ambientais mirins, para trabalhar EA não só com os jovens, mas através deles alcançar os adultos. Em entrevista o agente lembrou que através da FRM "a gente consegue englobar a

questão do nosso trabalho que é o meio ambiente, fazendo nossa parte de educação e trabalhar junto à comunidade".

Em seguida, o próximo encontro com o agente iria ocorrer na comunidade para uma conversa sobre o grupo da FRM, para pensar sobre possíveis parcerias e ações ambientais junto aos jovens participantes, além de conhecer melhor e nos aproximamos do grupo. Essa reunião não aconteceu por motivo de violência na comunidade. Um dia antes da data marcada a comunidade sofreu brutalmente com um cenário de violência, esse acontecimento ocasionou na morte de um morador (LAPEAR, 2017b).

Somente alguns dias depois, quando a instabilidade na segurança da comunidade diminuiu, conseguimos nos reunir com o agente ambiental para conversar sobre o grupo de FRM. O encontro ocorreu na ONG Novo Horizonte, localizada na entrada da comunidade. Neste ano, o agente começou um trabalho no local para ajudar na captação de jovens e pensar em novos projetos. Na ocasião foi feita uma entrevista com ele, que contou mais detalhes sobre seu projeto e suas expectativas para o grupo. (LAPEAR, 2017c). O agente nos contou em entrevista que mesmo fazendo um trabalho mais burocrático continuava dando uma atenção ao seu foco, como comentou: "eu prezo muito o lado cultural e o ambiental. Que é o meu foco".

Nessa ocasião também falou da importância do trabalho socioambiental desenvolvido junto a faculdade, e disse, mais uma vez, que percebe que a comunidade já está atenta ao trabalho desenvolvido no rio. E ainda chamou atenção para a dificuldade do trabalho, e da necessidade de sua existência.

Subseqüentemente, o nosso próximo encontro com o agente ambiental se deu na escola municipal, em uma reunião com sua supervisora da Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura do Rio de Janeiro e a diretora da escola, para conversarmos sobre possíveis parcerias. Essa conversa foi gravada em forma de entrevista.

Ao longo da conversa a supervisora da prefeitura deu uma sugestão de levar as crianças da escola e jovens para uma ação com o reflorestamento, essa foi reconhecida por todos os presentes como uma oportunidade de envolver ainda mais essas crianças com o meio ambiente. E o agente já havia pensado nessa possibilidade como já havia dito em entrevista: "Eu quero falar mais com vocês do reflorestamento, quero que vocês entendam a importância dele pra Formiga. Daí, a gente pode bolar uma atividade com isso pras crianças os jovens".

A diretora seguiu contando sobre os projetos que já estavam em andamento e convidou a todos para a reunião de gestão das professoras, para assim, definir a organização das ações que seriam feitas com as crianças da escola. O agente levantou mais uma vez a idéia de transformar os integrantes da FRM da Formiga em agentes ambientais mirins, ajudando-o a realizar seu trabalho e envolvendo os jovens em atividades pedagógicas com a temática ambiental (LAPEAR, 2017d).

E então no dia 12 de maio, demos um grande passo para o andamento da FRM, em uma reunião com o novo diretor do posto de saúde da Formiga e o agente ambiental. Essa também foi gravada em modo de entrevista. O encontro foi idealizado para conhecer o novo diretor do posto, que assumiu em 2017, e conversar sobre futuras parcerias. Nele, o agente ambiental e seu ajudante no projeto FRM da Formiga estavam interessados em um espaço físico para os ensaios e atividades do projeto. Depois de o agente explicar toda sua trajetória com os jovens, o diretor contou seu caminho até chegar a Formiga e da sua vasta experiência em comunidades. E terminou sua fala dando total apoio ao projeto e cedendo o espaço para as atividades com os jovens. Contou de outra comunidade onde trabalhou e disse: "transformei minha unidade de saúde em clube [...] e isso tirou muitos jovens da fila do tráfico", melhorando a vida desses meninos. Complementou ainda dizendo que os jovens dentro da unidade terão um acompanhamento medico mais funcional, trabalhando com a prevenção. Em entrevista disse: "... as vezes o jovem não tá legal, brigou com o pai, a mãe alcoólatra... ai vem pra cá com a cabeça ruim. Aqui eu tenho psicólogo, tenho agente social, enfermeiro, médico que podem dar um suporte a esse jovem. As vezes o cara tá fazendo a capoeira e ta com dor de dente, e ai, a gente já faz esse atendimento." Posteriormente se comprometeu "Esse apoio de saúde eu vou dar totalmente." (LAPEAR, 2017e).

Vale complementar que as atividades da FRM já estão ocorrendo no espaço do posto de saúde duas vezes na semana, e ainda estão montando outras atividades para disponibilizar no local. A partir dessa mobilização, foi iniciada a construção de um coletivo, que tem como objetivo trabalhar com os jovens da comunidade arte e cultura, auxiliando o jovem no seu desenvolvimento.

Para seguir dando continuidade as ações ambientais, em junho fomos fazer uma visita ao reflorestamento, como o agente já havia sugerido. Nessa atividade, eu me encontrei com o agente ambiental para conhecer a área de reflorestamento, e pensar em uma atividade para levar os jovens da FRM e as crianças da escola

municipal da Formiga. Iríamos também nos encontrar com o encarregado do reflorestamento, mas por motivos de comunicação e tempo não foi possível. Nesse encontro andamos pelo reflorestamento e pensamos em algumas atividades para propor às crianças e aos jovens, relacionando a história do reflorestamento com a preservação ambiental. Algumas propostas de atividades surgiram nessa ocasião. Ao final desse encontro, em uma conversa informal, o agente contou sobre sua historia dentro da Folia e como surgiu o projeto de FRM (LAPEAR, 2017f).

Essa conversa informal despertou meu interesse em entender melhor o histórico desse grupo de foliões. Então, o agente sugeriu fazer uma apresentação para contar para o grupo os detalhes desse movimento cultural.

Essa apresentação foi feita poucos dias depois e nela o agente contou sobre a sua trajetória dentro do reisado e explicou sobre as particularidades da Folia dentro da comunidade. Também, passou dois vídeos para ilustrar a Folia de Reis dentro na Formiga, mostrando seu festejo em todos os estágios e depoimentos de pessoas envolvidas com esse movimento. Esse encontro, junto com outras informações passadas pelo agente ambiental em entrevistas, deram origem a subseção anterior, e a análise dos resultados apresentados até o momento deram origem a próxima subseção.

5.3. Relação entre a FRM e os princípios da educação ambiental do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global

Confrontando os 16 princípios da educação ambiental do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (ANEXO A) com minhas observações da convivência e as entrevistas sobre o grupo de FRM da Formiga, podemos chegar em alguns pontos relevantes para essa pesquisa. Os princípios que foram encontrados dialogando com o grupo foram 1, 2, 3 6, 7, 9, 10, 11, 13, 15. Ou seja, dos dezesseis princípios, dez foram destacados por conversarem com o grupo em questão.

Logo o princípio 1 dita que a educação é um direito de todos e que todos somos educadores e aprendizes, assim como também sugere Paulo Freire (1987). Isso significa que a EA deve alcançar todos os habitantes de um território. Além de colaborar com essa demanda, no projeto idealizado pelo agente ambiental, os jovens participantes teriam a oportunidade de se transformar em agentes ambientais mirins, a

fim de conscientizarem outros moradores da região a respeito do meio ambiente e a poluição local. Dessa forma, esse primeiro princípio seria atendido pelas atividades do grupo, possibilitando que os jovens da FRM sejam não só aprendizes, mas também educadores.

O princípio 2 indica que a EA deve ter como base o pensamento crítico, atingindo o âmbito formal, não-formal e informal da educação, a fim de promover a transformação das sociedades. Logo, o trabalho realizado com a FRM se aproxima desse principio, já que além de se enquadrar na linha não formal, ele tem o potencial de transformação da sociedade. Isso, à medida que os jovens envolvidos não só participam das atividades diretamente relacionadas à Folia, mas também sobre meio ambiente, desenvolvimento de responsabilidades, de senso crítico e educacionais, tendo como foco a noção de respeito ao próximo. Um exemplo disso é que os integrantes que não estiverem comparecendo a escola ou com uma má conduta em casa, ou ainda sem cumprir com as tarefas propostas pela Folia, são penalizados pelo mestre, como já citado acima.

Ainda nessa linha de pensamento, de transformação socioambiental, a FRM ajuda na formação dos jovens possibilitando que eles tenham mais caminhos a serem escolhidos, o que segundo o mestre, pode melhorar o futuro dos envolvidos.

Já o princípio 3 sugere que a EA deve ser individual e coletiva e, então, tem como propósito a formação de cidadãos com consciência local e planetária, respeitando a autodeterminação do povos e soberania das nações. Dessa maneira a FRM pode ser colocada como uma forma coletiva de EA, respeitando as crenças da Folia de Reis e dos moradores da comunidade da Formiga, tendo em vista que, mesmo sendo uma atividade católica, ela respeita as mais diferentes religiões e culturas.

O princípio 6 e o princípio 9 estabelecem propriamente a cultura, e seu envolvimento com a EA. São eles na íntegra: "6. A educação ambiental deve estimular a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos, valendo-se de estratégias democráticas e da interação entre as culturas." (Anexo A) e "9. A educação ambiental deve recuperar, reconhecer, respeitar, refletir e utilizar a história indígena e culturas locais, assim como promover a diversidade cultural, lingüística e ecológica. Isto implica uma visão da história dos povos nativos para modificar os enfoques etnocêntricos, além de estimular a educação bilíngue".

A cultura está prevista nos princípios da EA, e a Folia de Reis é um movimento cultural presente, não só a nível nacional, mas mundial e de extrema força na comunidade da Formiga. Logo, ambas convergem de forma a legitimar o trabalho de EA feito na comunidade por esse grupo, respeitando esses dois princípios, que colocam a cultura como veículo para a disseminação da EA, integrando-a a FRM. Da mesma forma, colabora com a recuperação da história local, já que a Folia faz parte da Formiga há mais de cem anos. O compartilhamento da cultura faz com que o grupo envolvido se sinta pertencente (SOUZA, 2011), e esse fato pode levar ao cuidado do local onde ocorre (SORRENTINO et al, 2013).

O princípio 7 dita que questões globais críticas tais como população, saúde, paz, direitos humanos, democracia, fome, degradação da flora e fauna, devem ser abordadas durante o processo de EA. Como já foi dito acima, os encontros da FRM estão acontecendo dentro do posto de saúde local. Essa também é uma forma de deixar os jovens assistidos sobre sua saúde, e abrindo a possibilidade para que se mantenham informados e participando de outras atividades que acontecem dentro do posto, que não são apenas ligadas a saúde, mas também relacionadas às questões como direitos humanos, degradação da fauna e flora, entre outras atividades.

O princípio 10 sugere que a EA deve estimular e potencializar o poder das populações. Isso implica que elas devem voltar a ter a condução de seus próprios destinos. A atitude do mestre da FRM de buscar no posto de saúde um espaço mais adequado para as atividades da FRM demonstra que estão construindo seus próprios destinos. A ideia é socializar essa postura, da geração da autonomia com a criação de redes de apoiadores no local. Como colocado pelo Diretor do Posto de Saúde do morro, "[o mestre da FRM] tem essa luz, e aproveita que não é qualquer um que tem, [...] pega ela e segue transformando. Eu vou fazer o máximo que posso para potencializar isso".

O princípio 11 estabelece a importância de valorizar os diferentes tipos de conhecimento, que devem ser produzidos socialmente e não monopolizados. O projeto da FRM está inserido em um ambiente que demanda muita liderança, e como vimos, na Folia existe uma hierarquia, que é respeitada pelos seus integrantes. Isso nos leva a seguinte pergunta: será que essa liderança pode ofuscar o surgimento de outras lideranças? Na conversa com o agente, ele nos conta que existe sim uma autoridade da sua parte, para a resolução de questões mais específicas. Mas, que outras decisões importantes, são tomadas sempre em grupo. E como eu observei

durante a pesquisa, as decisões de como serão as apresentações, ou sobre os dias de ensaio, são sempre tomadas em grupo. O mestre traz os conhecimentos para os meninos sobre a Folia, mas ao mesmo tempo incentiva que eles possam tomar decisões, mesmo nas ocasiões em que a palavra final deva ser dele.

Já o princípio 13 propõe a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições com uma finalidade de criar novos modos de vida, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião ou classe. Essa disposição da FRM de cooperar e dialogar com outros indivíduos e instituições pode ser vista no exemplo da parceria com o LAPEAr, com o posto de saúde local e ainda com a iniciativa, ainda embrionária, de criação de um coletivo local visando o desenvolvimento de atividades artísticas, esportivas e ambientais. Além disso, a FRM não faz restrições aos seus participantes. O grupo, que tem uma faixa etária de seis a dezoito anos, como já dito acima, é aberto todas as religiões, mesmo sendo uma festa de religiosidade católica. Quanto a questão de gênero, embora muitas folias sejam restritivas à participação de mulheres, as existentes na comunidade, incluindo-se aí a FRM, não o são. Mesmo assim, é notável na FRM a baixa participação de meninas. Talvez isso seja uma consequência do fato da folia ser um fenômeno tradicionalmente masculino, o que gera um peso que se manifesta por silêncios eloquentes (ALVES, 2017).

O Princípio 15 justifica esse trabalho, nele é dito que devemos "converter cada oportunidade em experiências educativas de sociedades sustentáveis". E esse trabalho pretende explorar as possibilidades para potencializar a EA que é já é praticada pelo mestre e o grupo da FRM, evidenciando os pontos que podem ser ressaltados para o caráter educativo. Então, a Folia está sendo aproveitada como uma oportunidade educativa em sociedades sustentáveis. Logo, como o princípio pressupõe, todas as iniciativas podem ser educadoras, então, a Folia de Reis pode ter o caráter educativo sustentável, é preciso somente arrumar o melhor caminho para que possa ocorrer a EA.

6. Conclusão

O objetivo desse trabalho foi, de forma geral, descobrir se existe uma conexão entre a EA e a Folia de Reis. Assim, do ponto de vista mais específico, levantar se é possível que a Folia de Reis, que é uma manifestação cultural, seja também ambientalmente educadora. Além de encontrar quais são as conexões entre a EA e a Folia de Reis.

Para tal, foram discutidos alguns temas para embasar o trabalho. Inicialmente foi abordada a questão da EA no mundo, passando pela Revolução Industrial no século XVIII, seguindo pelos grandes encontros do movimento ambientalista e, subsequentemente, a EA dentro desses eventos, tendo como foco dessa primeira parte o evento de Tbilisi (1977).

Na segunda parte introdutória foi evidenciada a trajetória do Brasil pelos grandes eventos mundiais do movimento ambientalista e de EA, e foi especificado o cenário que o Brasil passava em cada um dos eventos. A participação do país nos eventos e o cenário nacional culminou na realização do grande evento internacional proposto pela ONU no país, a Rio-92. Depois desse evento, o Brasil passou por uma institucionalização de sua EA, formando a Lei n° 9.795, que dispõe sobre a Política Nacional da Educação Ambiental (BRASIL, 1999), que prevê a incorporação da EA nos ambientes formais e não formais de educação.

No segundo capítulo foi feita uma contextualização do grupo LAPEAr e do Morro da Formiga. Nele, é explicado sobre o projeto "Articula-Ação", que é vinculado ao LAPEAr e é responsável pela vertente de educação não formal do laboratório. Além disso, o capítulo explica aproximação do laboratório com a comunidade, com o agente ambiental e com o seu grupo de FRM, que é o foco deste trabalho. Ainda nesse capítulo, faço uma conjuntura geral da Folia de Reis, levantando suas histórias e valores a partir da bibliografia.

Para a realização deste trabalho, as técnicas metodológicas utilizadas foram observação participante (NETO, 2002), entrevistas não estruturadas (MATTOS, 2005), análise de conteúdo (BARDIN, 1977), que analisou os documentos, o meu diário de campo (NETO, 2002) e os relatórios do projeto "Articula-Ação" dos anos de 2016 e 2017.

Os resultados foram apresentados em três diferentes secções. Na primeira, os resultados obtidos na entrevista com o mestre da FRM, que conta sobre a Folia de

Reis dentro da comunidade, sua trajetória por ela, e por fim, a origem e dinâmica da FRM. Na segunda foram apresentados os resultados dos relatórios do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário" dos anos de 2016 e 2017, além das demais entrevistas, feitas com o agente ambiental, sua supervisora da prefeitura do Rio de Janeiro, o gerente do posto de saúde e os integrantes da FRM. E, na terceira, foi feita uma costura entre as práticas observadas na FRM com os 16 princípios da educação ambiental do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global.

É importante, no entanto, que se destaque antes da apresentação das conclusões que este trabalho de pesquisa, por conta de episódios de violência na comunidade precisou ser paralisado temporariamente, e que isso chegou a comprometer o cronograma original da pesquisa e fez com que precisássemos nos adaptar às situações presentes. Da mesma forma, é importante que se reafirme aqui que o objeto de análise deste projeto, a FRM, e sua aproximação à questão ambiental, continuam em andamento na comunidade. Isso posto, serão tecidas abaixo as conclusões do trabalho.

A grande questão é que a Folia de Reis, por ser um movimento cultural tradicional da Formiga, traz aos seus participantes uma sensação de pertencimento a comunidade, ao outro e ao ambiente físico. Esse pertencimento faz com que cada indivíduo se torne responsável e, então, cuide do local onde vive. É importante chamar atenção para essa sensação, e mistura-la com atividades ambientais pode potencializar ainda mais o pertencimento.

A partir da comparação dos princípios da EA com a FRM, que basearam o trabalho, noto que existem muitos momentos em que eles conversam. Dos dezesseis princípios propostos, em dez são sugeridas aproximações, mas ainda estão muito veladas. E então, da presente pesquisa emerge mais uma demanda para o "Articula-Ação", pois, a partir desse trabalho conseguimos perceber alguns pontos que podem ser melhorados no trabalho realizado pelo agente ambiental com a FRM.

Mesmo que o agente ambiental faça a interligação da EA com a Folia de Reis, isso ainda é pouco explícito para o grupo e até mesmo para o agente. Nosso papel é colaborar com o desvelamento dessa aproximação e evidenciar que eles já praticam uma EA. Então propor maneiras para potencializar esse caráter do trabalho.

Assim, se torna responsabilidade do projeto "Articula-Ação" buscar possibilidades para aproximar do agente os princípios da EA, colaborando para que

reconheça o que já esta fazendo e os distanciamentos e contradições que ainda persistem, a luz dos princípios da Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. A partir daí, trabalharmos juntos no sentido de superar esses limites.

8. Referências bibliográficas

ALVES, G.M.F. - **Silêncios eloquentes que se transformam em práticas de ausências – Gênero, raça e sexualidade:** Um estudo da Educação Ambiental na América Latina. 2017. 158 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

ANDRÉ, M. E. D. A. - **Etnografia da prática escolar**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

BARDIN, L. - **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edição 70; 1977.

BRANDÃO, C. R. - Pesquisa participante. In: FERRARO JÚNIOR, L.A (Coord). **Encontros e caminhos:** formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília, 2005.

BRANDÃO, C. R. - **A Folia de Reis de Mossâmedes.** Cadernos de Folclore nº 20. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Rio de Janeiro, 1977.

BRASIL, L. S. C. - **Uma História Ambiental da comunidade da Formiga, Zona Norte do Rio de Janeiro:** apropriação e autogerenciamento de recursos naturais. Monografia (Bacharelado e licenciatura em história). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2015.

BRASIL. **Relatório do Brasil para a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento** – O DESAFIO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, Brasília DF, 1991.

BRASIL. **Lei 9.795, de 28 abril de 1999**. Dispõe sobre Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1999.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Política Nacional de Meio Ambiente**, Lei Federal 6.938/81, 1981.

CARTA DE BELGRADO. **Uma estrutura global para a educação ambiental**. Workshop Internacional de Educação Ambiental. Belgrado, Yugoslavia, 1975. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/destaques/item/8066-carta-de-belgrado>. Acesso em 19.06.2017.

CARVALHO, I. As transformações na cultura e o debate ecológico: desafios políticos à educação ambiental. In: NOAL, F.O.; REIGOTA, M.; BARCELOS, V.H.de.L. (Orgs). **Tendências da educação ambiental brasileira**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998, p. 113 - 126.

CASTRO, Z. M. de; COUTO, A. do P. - **Folia de Reis.** Cadernos de Folclore no 16. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

CUNHA, L. N. da - **Os organismos internacionais e a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro: as macrotendências da Educação Ambiental nos projetos socioambientais coordenados pela Secretaria de Meio Ambiente no Morro da Formiga, Rio de Janeiro, RJ.** Monografia (Bacharelado em Ciências Ambientais – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) Rio de Janeiro, 2015.

CZAPSKI, S. - **A implantação da educação ambiental no Brasil**. 1.a Edição, Brasília – DF, 1998.

DIAS, G. F.- **Educação Ambiental** – princípios e práticas, 5ª edição, São Paulo, 1998.

GUIMARÃES M. – **Identidade da Educação Ambiental Brasileira**, Brasília, DF. 2004.

FERNANDES, F. M. - **Avaliação do uso do kit "Observando os Rios" como didática de preservação ambiental para crianças do ensino fundamental.** Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) Rio de Janeiro, 2017 (mimeo).

FIGUEROA, T. F.; PINHEIRO, V. H. Dos S.; ZAÚ, A S. – Aprender Brincando com a Natureza: Experiências de educação ambiental em uma escola municipal pública, em comunidade de baixa renda, Rio de Janeiro. **RETTA - Revista de Educação, Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas**, v. 6, n. 09, p. 149 - 169, 2014.

FIGUEROA, T. F. - **Um olhar sobre a Educação Ambiental presente nos materiais didáticos adotados em uma escola municipal do Rio de Janeiro.** Monografia (Bacharelado em Ciências Ambientais – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) Rio de Janeiro, 2016.

FREIRE, P. - **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LAPEAR, Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental - **Relatório número 01 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário".** UNIRIO: Rio de Janeiro, 2017a (mimeo).

LAPEAR, Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental - **Relatório número 02 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário**". UNIRIO: Rio de Janeiro, 2017b (mimeo).

LAPEAR, Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental - **Relatório número 03 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário".** UNIRIO: Rio de Janeiro, 2017c (mimeo).

LAPEAR, Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental - **Relatório número 04 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário".** UNIRIO: Rio de Janeiro, 2017d (mimeo).

LAPEAR, Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental - **Relatório número 06 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário".** UNIRIO: Rio de Janeiro, 2017e (mimeo).

LAPEAR, Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental - **Relatório número 08 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário".** UNIRIO: Rio de Janeiro, 2017f (mimeo).

LEF, Laboratório de Ecologia Florestal – **Plano de Ação do Projeto Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário** – Rio de Janeiro, RJ, 2016a (mimeo).

LEF. Laboratório de Ecologia Florestal - **Relatório número 02 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário".** UNIRIO: Rio de Janeiro, 2016b (mimeo).

LEF. Laboratório de Ecologia Florestal - **Relatório número 03 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário".** UNIRIO: Rio de Janeiro, 2016c (mimeo).

LEF. Laboratório de Ecologia Florestal - **Relatório número 08 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário".** UNIRIO: Rio de Janeiro, 2016d (mimeo).

LEF. Laboratório de Ecologia Florestal - **Relatório número 09 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário**". UNIRIO: Rio de Janeiro, 2016e (mimeo).

LEF. Laboratório de Ecologia Florestal - **Relatório número 10 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário".** UNIRIO: Rio de Janeiro, 2016f (mimeo).

LEF. Laboratório de Ecologia Florestal - **Relatório número 11 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário".** UNIRIO: Rio de Janeiro, 2016g (mimeo).

LEF. Laboratório de Ecologia Florestal - **Relatório número 14 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário".** UNIRIO: Rio de Janeiro, 2016h (mimeo).

LEF. Laboratório de Ecologia Florestal - **Relatório número 15 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário".** UNIRIO: Rio de Janeiro, 2016i (mimeo).

LEF. Laboratório de Ecologia Florestal - **Relatório número 17 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário".** UNIRIO: Rio de Janeiro, 2016j (mimeo).

LEF. Laboratório de Ecologia Florestal - **Relatório número 18 do projeto "Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário".** UNIRIO: Rio de Janeiro, 2016k (mimeo).

MARTINS, G. A. C. - **Importância ecológica das favelas**: Arborização no Morro da Formiga, Rio de Janeiro, RJ. Monografia (Bacharelado em Ciências Ambientais – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) Rio de Janeiro, 2015.

MATTOS, P. L. C. L. - **A entrevista não-estruturada como forma de conversação**: razões e sugestões para sua análise. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, Jul./Ago, 2005.

NETO, O. C. - O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes. p. 51-66, 2002.

PERGO, V. L. – **Os rituais na Folia de Reis: uma das festas populares brasileiras.** Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf> Acesso em: 26.06.2017.

PORTO, G. - **As Folias de Reis no Sul de Minas**. MEC/ SEC/ FUNARTE - Instituto Nacional de Folclore, Rio de Janeiro, 1982.

QUINTAS J. S. - **Identidade da Educação Ambiental Brasileira**, Brasília DF, 2004

REIGOTA M. A. Dos S. - **Educação ambiental**: Fragmentos de sua história no Brasil. Edunisc, Santa Cruz do Sul, 1999.

RIOS, S. - **Os cantos da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis**. Sociedade e Cultura, v. 9, Universidade Federal de Goiás, Goiania, 2006.

SALGADO, S. - **Mutirão de reflorestamento**. In: FUJIWARA, LM; ALESSIO, NLN; FARAH, MFS (orgs), 20 Experiências de Gestão Pública e Cidadania v. 20. 1998.

SANTOS, B. S. - **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Revista Crítica de Ciências Sociais - Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais, Coimbra,, Portugal, 2002.

SANTOS, B. S. - **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SJOSTEDT, L. de A. L.; RAMOS, J. M. Q.; FERNANDES, T. A. ; LINO. V. A. de A.; ANDRADE, D. F. de – **Análise de água do rio como ferramenta de engajamento comunitário**. Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, J. V. C. da. - **Sociedades de água do morro da Formiga: Subsídios para Educação Ambiental de base comunitária e ecologia de saberes em uma favela carioca.** 2016. 108f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2016.

SORRENTINO, M. et al. - Comunidade, identidade, diálogo, potência de ação e felicidade: fundamentos para educação ambiental. In: Sorrentino, M. et al. **Educação ambiental e políticas públicas:** conceitos, fundamentos e vivências. Curitiba: Appris, 2013.

SOUZA, L. G. M. - **FOLIA DE REIS**: Comunidades responsáveis por uma nova organização social. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, SP, 2011.

STEFFEN, W.; BROADGATE, W.; DEUTSCH, L.; GAFFNEY, O.; LUDWIG, C. – **The trajectory of the Anthropocene**: The Great Acceleration. Cambera, Austrália , 2015.

STERLING, S. - **Coming of age**: a short history of environmental education, to 1989. National Association for Environmental Education, 1992.

TASSARA E. T. DE O. , ARDANS O. - **Intervenção Encontros e Caminhos**: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores, Brasília, 2005.

TEIXEIRA, Z da S. - **Plano de histórias e memórias das favelas**, Rio de Janeiro 2013.

TREMURA, W. A. - **A música caipira e o verso sagrado na folia de reis**, 2005. Disponível em: <http://www.hist.puc.cl/historis/iaspmla.html.> Acesso em: 11.05.17

IBGE, **Censo Demográfico** 2010, disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br> Acesso em: 25.06.17

7. ANEXO

ANEXO A - Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global

Princípios da Educação para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global

1. A educação é um direito de todos; somos todos aprendizes e educadores.
2. A educação ambiental deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo ou lugar, em seu modo formal, não-formal e informal, promovendo a transformação e a construção da sociedade.
3. A educação ambiental é individual e coletiva. Tem o propósito de formar cidadãos com consciência local e planetária, que respeitem a autodeterminação dos povos e a soberania das nações.
4. A educação ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato político.
5. A educação ambiental deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar.
6. A educação ambiental deve estimular a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos, valendo-se de estratégias democráticas e da interação entre as culturas.
7. A educação ambiental deve tratar as questões globais críticas, suas causas e inter-relações em uma perspectiva sistêmica, em seu contexto social e histórico. Aspectos primordiais relacionados ao desenvolvimento e ao meio ambiente, tais como população, saúde, paz, direitos humanos, democracia, fome, degradação da flora e fauna, devem se abordados dessa maneira.
8. A educação ambiental deve facilitar a cooperação mútua e eqüitativa nos processos de decisão, em todos os níveis e etapas.
9. A educação ambiental deve recuperar, reconhecer, respeitar, refletir e utilizar a história indígena e culturas locais, assim como promover a diversidade cultural, lingüística e ecológica. Isto implica uma visão da história dos povos nativos para modificar os enfoques etnocêntricos, além de estimular a educação bilingüe.
10. A educação ambiental deve estimular e potencializar o poder das diversas populações, promovendo oportunidades para as mudanças democráticas de base que

estimulem os setores populares da sociedade. Isto implica que as comunidades devem retomar a condução de seus próprios destinos.

11. A educação ambiental valoriza as diferentes formas de conhecimento. Este é diversificado, acumulado e produzido socialmente, não devendo ser patenteado ou monopolizado.

12. A educação ambiental deve ser planejada para capacitar as pessoas a trabalharem conflitos de maneira justa e humana.

13. A educação ambiental deve promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições, com a finalidade de criar novos modos de vida, baseados em atender às necessidades básicas de todos, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião ou classe.

14. A educação ambiental requer a democratização dos meios de comunicação de massa e seu comprometimento com os interesses de todos os setores da sociedade. A comunicação é um direito inalienável e os meios de comunicação de massa devem ser transformados em um canal privilegiado de educação, não somente disseminando informações em bases igualitárias, mas também promovendo intercâmbio de experiências, métodos e valores.

15. A educação ambiental deve integrar conhecimentos, aptidões, valores, atitudes e ações. Deve converter cada oportunidade em experiências educativas de sociedades sustentáveis.

16. A educação ambiental deve ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta, respeitar seus ciclos vitais e impor limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos.